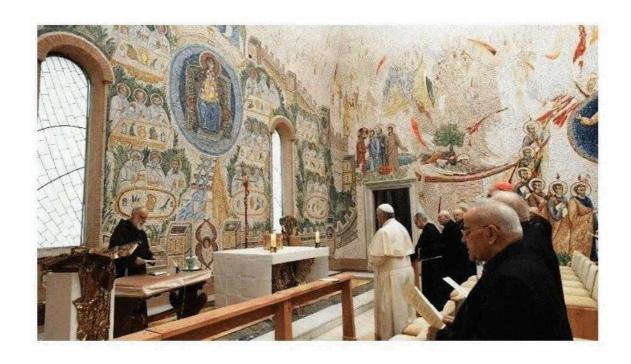
# PREGAÇÕES DE QUARESMA

# Pelo pregador da Casa Pontificia, cardeal Raniero Cantalamessa, OFMCap



2022

## I Pregação da Quaresma 2022

#### A LITURGIA DA PALAVRA

Entre os vários males que a pandemia da Covid tem causando à humanidade, houve ao menos um efeito positivo do ponto de vista da fé. Ela nos fez tomar consciência da necessidade que temos da Eucaristia e do vazio que cria a sua falta. Durante o período mais agudo da pandemia em 2020, fiquei fortemente impressionado – e comigo, penso que muitos outros – com o que significava assistir pela televisão toda manhã à Santa Missa celebrada pelo Papa Francisco em Santa Marta.

Algumas igrejas locais e nacionais decidiram dedicar o ano corrente a uma catequese especial sobre a Eucaristia, em vista de um desejado renascimento eucarístico na Igreja católica. Parece-me uma decisão oportuna e um exemplo a ser seguido. Por isso, pensei em dar uma pequena colaboração ao projeto, dedicando as reflexões desta Quaresma a uma revisitação do mistério eucarístico.

A Eucaristia está no centro de todo tempo litúrgico, da Quaresma, não menos que nos demais tempos. É o que celebramos cada dia, a Páscoa diária. Cada pequeno progresso na sua compreensão se traduz em um progresso na via espiritual da pessoa e da comunidade eclesial. Contudo, ela é também, infelizmente, a coisa mais exposta, pela sua repetitividade, a cair na rotina, a se tornar coisa habitual. São João Paulo II, na Carta *Ecclesia de Eucharistia* de abril de 2003, diz que os cristãos devem redescobrir e manter sempre vivo "o estupor eucarístico". Assim, a este fim, gostariam de servir as nossas reflexões: a reencontrar o estupor eucarístico.

Falar da Eucaristia em tempo de pandemia e agora, por acréscimo, com cenas de guerra diante dos olhos, não é um alienarmo-nos da realidade dramática em que vivemos, mas um convite a olhá-la de um ponto de vista superior e menos contingente. A Eucaristia é a presença na história do evento que inverteu para sempre os papéis entre vencedores e vítimas. Na cruz, Cristo fez da vítima o verdadeiro vencedor: "Victor quia victima", assim define Santo Agostinho: vencedor justamente porque vítima. A Eucaristia nos oferece a verdadeira chave de leitura da história. Nos assegura que

Jesus está conosco, não apenas intencionalmente, mas realmente neste nosso mundo que parece escapar de nossas mãos a qualquer momento. Ele nos repete: "Tenha coragem: eu venci o mundo!" (Jo 16:33).

#### A Eucaristia na história da salvação

Que posto ocupa a Eucaristia na história da salvação? A resposta é: não ocupa um lugar, mas a ocupa inteiramente! A Eucaristia é coextensiva à história da salvação. Ela, porém, está presente em três modos diversos, nos três diversos tempos, ou fases, da salvação: está presente no Antigo Testamento como *figura*; está presente no Novo Testamento como *evento* e está presente no tempo da Igreja como *sacramento*. A figura antecipa e prepara o evento, o sacramento "prolonga" e atualiza o evento.

No Antigo Testamento, dizia eu, a Eucaristia está presente "em figura". Uma destas figuras era o maná, uma outra era o sacrifício de Melquisedec, uma outra ainda era o sacrifício de Isaac. Na sequência Lauda Sion Salvatorem, composta por Santo Tomás de Aquino para a festa de Corpus Christi, canta-se: "As figuras o simbolizam: é Isaac que se imola, o cordeiro que se destina à Páscoa, o maná dado a nossos pais": In figúris præsignátur, / cum Isaac immolátur: /agnus paschæ deputátur: /datur manna pátribus. Enquanto figuras da Eucaristia, Santo Tomás chama estes ritos de "os sacramentos da antiga Lei"[1].

Com a vinda de Cristo e o seu mistério de morte e ressurreição, a Eucaristia não está mais presente como figura, mas como *evento*, como realidade. Nós o chamamos "evento" porque é algo historicamente acontecido, um fato único no tempo e no espaço, ocorrido apenas uma vez (*semel*) e irrepetível: Cristo, "na plenitude dos tempos, uma vez por todas, se manifestou para destruir o pecado pelo sacrifício de si mesmo" (Hb 9,26).

Enfim, no tempo da Igreja, a Eucaristia, eu dizia, está presente como *sacramento*, isto é, no sinal do pão e do vinho, instituído por Cristo. É importante que compreendamos bem a diferença entre o evento e o sacramento: na prática, a diferença entre a história e a liturgia. Deixemo-nos ajudar por Santo Agostinho.

Nós – afirma o santo doutor – sabemos e cremos com fé certíssima que Cristo morreu uma só vez por nós, ele, justo pelos pecadores, ele, Senhor pelos servos. Sabemos perfeitamente que isso aconteceu uma só vez; e, contudo, o sacramento periodicamente o renova, como se se repetisse várias vezes o que a história proclama ter acontecido uma só vez. E, ainda assim, evento e sacramento não contrastam entre si, quase como se o sacramento fosse enganoso e apenas o evento fosse real. De fato, do que a história afirma ter acontecido na realidade, uma só vez, o sacramento renova (renovat) frequentemente a celebração disso no coração dos fiéis. A história desvela o que aconteceu uma vez e como aconteceu, a liturgia faz com que o passado não seja esquecido; não no sentido de que o faz acontecer de novo (non faciendo), mas no sentido de que o celebra (sed celebrando)[2].

Precisar o nexo que existe entre o sacrifício único da cruz e a Missa é algo bem delicado e tem sido sempre um dos pontos de maior discordância entre católicos e protestantes. Agostinho usa, como vimos, dois verbos: renovar e celebrar, que são justíssimos, com a condição, porém, de serem compreendidos um à luz do outro: a Missa renova o evento da cruz celebrando-o (não reiterando-o!) e o celebra renovando-o (não apenas recordando-o!). A palavra, na qual se realiza hoje o maior consentimento ecumênico, é talvez o verbo (usado também por Paulo VI, na Encíclica Mysterium fidei) representar, compreendido no sentido forte de re-apresentar, isto é, tornar novamente presente[3]. Neste sentido, dizemos que a Eucaristia "representa" a cruz.

Segundo a história, houve, portanto, uma só Eucaristia, aquela realizada por Jesus com a sua vida e a sua morte; segundo a liturgia, ao contrário, ou seja, graças ao sacramento, há tantas Eucaristias quantas são celebradas e serão celebradas até o fim do mundo. O evento se realizou uma só vez (semel), o sacramento se realiza "cada vez" (quotiescumque). Graças aos sacramento da Eucaristia, nós nos tornamos, misteriosamente, contemporâneos do evento; o evento se faz presente a nós e nós ao evento.

As nossas reflexões quaresmais terão por objeto a Eucaristia em seu estágio presente, isto é, como sacramento. Na Igreja antiga existia uma catequese especial, chamada *mistagógica*, que era reservada ao bispo e era ministrada depois, não antes, do batismo. O seu objetivo era revelar aos neófitos o significado dos ritos celebrados e as profundezas dos mistérios da fé: batismo, crisma ou unção, e, particularmente, a Eucaristia. O que nos propomos fazer é

justamente uma pequena catequese mistagógica sobre a Eucaristia. Para permanecer o mais ancorados possível na natureza sacramental e ritual dela, seguiremos de perto o desenvolvimento da Missa em suas três partes – liturgia da palavra, liturgia eucarística e comunhão –, acrescentando no fim uma reflexão sobre o culto eucarístico fora da Missa.

#### Liturgia da palavra

Nos primeiríssimos dias da Igreja, a liturgia da Palavra era separada da liturgia eucarística. Os discípulos, referem os Atos dos Apóstolos, "dia após dia, unânimes, frequentavam o templo"; aí escutavam a leitura da Bíblia, recitavam os salmos e as orações, junto com os outros judeus; faziam o que se faz na liturgia da Palavra; depois se reuniam à parte, em suas casas, para "partir o pão", isto é, para celebrar a Eucaristia (cf. At 2,46).

Bem cedo, contudo, esta praxe se tornou impossível, seja pela hostilidade da parte das autoridades hebraicas em relação a eles, seja porque as Escrituras tinham então adquirido para eles um sentido novo, orientado todo a Cristo. foi assim que também a escuta da Escritura se transferiu do templo e da sinagoga aos lugares de culto cristãos, assumindo pouco a pouco a fisionomia da atual liturgia da Palavra que precede a oração eucarística. Na descrição da celebração eucarística feita por São Justino no II século, não apenas a liturgia da Palavra é parte integrante dela, mas às leituras do Antigo Testamento se juntaram aquelas que o santo chama "as memórias dos apóstolos", isto é, os Evangelhos e as Cartas, na prática o Novo Testamento[4].

Escutadas na liturgia, as leituras bíblicas assumem um sentido novo e mais forte do que quando lidas em outros contextos. Não têm tanto a finalidade de conhecer melhor a Bíblia, como quando é lida em casa ou em uma escola bíblica, quanto a de reconhecer aquele que se faz presente no partir o pão, de iluminar a cada vez um aspecto particular do mistério que está por se receber. Isto aparece, de modo quase programático, no episódio dos dois discípulos de Emaús. Foi escutando a explicação das Escrituras que o coração dos discípulos começou a se abrir, de modo que foram depois capazes de reconhece-lo "ao partir o pão" (Lc 24,1ss.). A de Jesus ressuscitado foi a primeira "liturgia da palavra" na história da Igreja!

Segunda característica: na Missa, as palavras e os episódios da Bíblia não são apenas narrados, mas revividos; a memória se torna realidade e presença. O que acontece "naquele tempo", acontece "neste tempo", "hoje" (hodie), como ama expressar-se a liturgia. Nós não somos apenas ouvintes da palavra, mas interlocutores e atores nela. É a nós, ali presentes, que é dirigida a palavra; somos chamados a assumir o lugar dos personagens evocados.

Alguns exemplos ajudarão a entender. Uma vez se lê, na primeira leitura, o episódio de Deus que fala a Moisés da sarça ardente: nós estamos, na Missa, diante da verdadeira sarça ardente... Uma outra vez, fala-se de Isaías que recebe nos lábios a brasa ardente que o purifica para a missão: nós estamos prestes a receber nos lábios a verdadeira brasa ardente, o fogo que Jesus veio trazer sobre a terra... Ezequiel é enviado para comer o rolo dos oráculos proféticos: nós nos aproximamos para comer aquele que é a própria palavra feita carne e feita pão.

A coisa se torna ainda mais clara se, do Antigo Testamento, passamos ao Novo, da primeira leitura ao trecho evangélico. A mulher que sofria de hemorragia está certa de ser curada se conseguir tocar a barra do manto de Jesus: o que dizer de nós, que estamos prestes a tocar bem mais do que a barra do seu manto? Uma vez, escutava no Evangelho o episódio de Zaqueu e fui tocado pela "atualidade". Eu era Zaqueu; eram dirigidas a mim as palavras: "Hoje eu devo ficar na tua casa"; era de mim que se podia dizer: "Ele foi hospedar-se na casa de um pecador!", e era a mim, após tê-lo recebido na comunhão, que Jesus dizia: "Hoje a salvação entrou nesta casa" (cf. Lc 19,9).

Assim também de cada episódio evangélico. Como não se identificar na Missa com o paralítico ao qual Jesus diz: "Os teus pecados estão perdoados" e "Levanta-te e anda" (cf. Mc 2,5.11); com Simeão, que segura nos braços o Menino Jesus (cf. Lc 2, 27-28); com Tomé, que toca as suas feridas (Jo 20,27-28)? No segundo domingo do Tempo Comum do corrente ciclo litúrgico, há o trecho evangélico em que Jesus diz ao homem da mão paralisada: "'Estende a mão'. Ele a estendeu e a mão ficou curada" (Mc 3,5). Nós não temos a mão paralisada; porém, temos todos, quem mais e quem menos, a alma paralisada, o coração ressecado. É a quem escuta que Jesus diz naquele momento: "Estende a tua mão! Estende o teu coração diante de mi, com a fé e a prontidão daquele homem".

A Escritura proclamada durante a liturgia produz efeitos que estão acima de toda explicação humana, à maneira dos sacramentos que produzem o que significam. Os textos divinamente inspirados também têm um poder de cura. Após a leitura do trecho evangélico na Missa, a liturgia convida o ministro a beijar o livro dizendo: "Pelas palavras do santo Evangelho sejam perdoados os nossos pecados" (Per evangelica dicta deleantur nostra delicta).

Ao longo da história da Igreja, eventos de época aconteceram como resultado da escuta das leituras bíblicas durante a Missa. Um jovem ouviu um dia o trecho evangélico em que Jesus diz a um jovem rico: "Se queres ser perfeito, vai, vende os teus bens, dá aos pobres, e terás um tesouro no céu. Depois vem, e segue-me" (cf. Mt 19,21). Entendeu que aquela palavra era dirigida a ele pessoalmente, por isso, foi para casa, vendeu tudo o que tinha e se retirou no deserto. Seu nome era Antão, o iniciador do monaquismo. Muitos séculos depois, em Assis, um outro jovem, há pouco convertido, entrou em uma igreja com um amigo. No Evangelho do dia, Jesus dizia aos seus discípulos: "Não leveis nada pelo caminho: nem cajado, nem sacola, nem pão, nem dinheiro, nem duas túnicas" (Lc 9,3). O jovem se voltou ao seu amigo e disse: "Ouviste isso? É isso que o Senhor que façamos também nós". E iniciou daí a ordem franciscana.

A liturgia da Palavra é a melhor fonte que temos para fazer cada vez, da Missa, uma celebração nova e atraente, evitando assim o grande perigo de uma repetição monótona que, especialmente os jovens, acham entediante. Para que isto se realize, devemos investir mais tempo e oração na preparação da homilia. Os fiéis deveriam poder entender que a palavra de Deus toca as situações reais da vida e é a única a ter respostas às questões mais sérias da existência.

Há dois modos de preparar uma homilia. Alguém pode se sentar à escrivaninha e escolher o tema em base às próprias experiências e conhecimentos; assim, uma vez preparado o texto, pôr-se de joelhos e pedir a Deus para que infunda o Espírito nas próprias palavras. É algo bom, mas não é um modo profético. Para sermos proféticos, é preciso seguir a via inversa: antes, pôr-se de joelhos e perguntar a Deus qual é a palavra que ele quer fazer ressoar para seu povo

Deus, de fato, tem uma sua palavra para cada ocasião e não deixa de revelá-la ao seu ministro que a pedir humildemente e com insistência. No início, não se tratará mais do que um pequeno movimento do coração, uma luz que se acende na mente, uma palavra da Escritura que chama a atenção e que lança luz sobre uma

situação vivida. Trata-se, aparentemente, de uma pequena semente, mas contém o que o povo precisa escutar naquele momento.

Depois disso, alguém pode se sentar à escrivaninha, abrir os próprios livros, consultar anotações, reunir e organizar os próprios pensamentos, consultar os Padres da Igreja, os mestres, às vezes, os poetas; mas agora, não é mais a palavra de Deus que está à serviço da sua cultura, mas a sua cultura a serviço da palavra de Deus. Só assim a Palavra manifesta o seu poder intrínseco.

#### A obra do Espírito Santo

Mas é preciso acrescentar uma cosa: toda a atenção dada à palavra de Deus, por si só, não basta. Sobre ela deve descer "a força do alto". Na Eucaristia, a ação do Espírito Santo não é limitada apenas ao momento da consagração, à epiclese que se recita antes dela A sua presença é igualmente indispensável para a liturgia da palavra, e veremos, a seu tempo, para a comunhão.

O Espírito Santo continua, na Igreja, a ação do Ressuscitado que, após a Páscoa, "abria a inteligência dos discípulos para entenderem as Escrituras" (cf. Lc 24,45). A escritura, afirma a *Dei Verbum*, do Concílio Vaticano II, "deve ser lida e interpretada com o mesmo espírito com que foi escrita"[5]. Na liturgia da palavra, a ação do Espírito Santo é exercida mediante a unção espiritual presente em quem fala e em quem escuta.

"O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou com a unção para anunciar a Boa-nova aos pobres" (Lc 4,18).

Jesus indicou assim de onde tira força a palavra anunciada. Seria um erro confiar-se apenas na unção sacramental que recebemos uma vez por todas na ordenação sacerdotal ou episcopal. Ela nos habilita a cumprir certas ações sagradas, como governar, pregar e ministrar os sacramentos. Ela nos dá, por assim dizer, a autorização para fazer certas coisas, não necessariamente algo da autoridade que as multidões percebiam quando Jesus falava; assegura a sucessão apostólica, não necessariamente o sucesso apostólico!

Mas se a unção é dada pela presença do Espírito e é seu dom, o que podemos fazer para tê-la? Primeiramente, devemos partir de uma certeza: "Nós recebemos a unção do Santo", assegura-nos São João (1Jo 2,20). Ou seja, graças ao batismo e à crisma — e, para alguns, à ordenação presbiteral ou episcopal —, nós já possuímos a unção. Na verdade, segundo a doutrina católica, ela imprimiu em nossa alma um caráter indelével, como uma marca ou um selo: "É Deus — escreve o Apóstolo — que nos confirma juntamente convosco, em Cristo, como também é Deus que nos ungiu, nos marcou com seu selo e deu-nos, em nossos corações, a garantia Espírito" (2Cor 1,21-22).

Esta unção, porém, é como um unguento perfumado fechado em um vaso: permanece inerte e não libera nenhum perfume se não se quebrar e não se abrir o vaso. Assim acontece com o caso de alabastro quebrado pela mulher do evangelho, cujo perfume encheu a casa inteira (Mc 14,3). Aí está onde se insere a nossa parte em relação à unção. Ela não depende de nós, mas depende de nós remover os obstáculos que impedem sua irradiação. Não é difícil entender o que significa para nós quebrar o vaso de alabastro. O vaso é a nossa humanidade, o nosso eu, às vezes, o nosso árido intelectualismo. Quebrá-lo, significa pôr-se em estado de submissão a Deus e de resistência ao mundo.

Felizmente, nem tudo é confiado ao esforço ascético. Muito mais, nesse caso, a fé, a oração, a humilde súplica. Pedir, assim, a unção antes de nos dirigirmos a uma pregação ou a uma ação importante a serviço do Reino. Enquanto nos preparamos à leitura do evangelho e à homilia, a liturgia nos faz pedir ao Senhor para purificar o nosso coração e os nossos lábios para poder anunciar dignamente o evangelho. Por que não dizer, vez ou outra (ou ao menos pensar para si mesmo): "Ó Deus todo-poderoso, ungi-me o coração e os lábios, para que eu anuncie com a doçura e a força do Espírito a vossa palavra"?

A unção não é necessária apenas aos pregadores para proclamar eficazmente a palavra, também o é aos ouvintes para acolhê-la. O evangelista João escrevia à sua comunidade: "Vós já recebestes a unção do Santo e todos tendes conhecimento... a unção que recebestes da parte de Jesus permanece convosco e não tendes necessidade de que alguém vos ensine" (1Jo 2,20.27). Não significa que todo ensinamento seja inútil. Por que, então, João escreve a sua carta e nós lhes pregamos?, comenta Agostinho, e responde: "É o mestre interior quem realmente instrui, é Cristo e a sua inspiração a instruir. Quando falta a sua inspiração e a sua unção, as palavras externas fazem apenas um inútil ruído"[6].

Esperamos que também hoje Cristo nos tenha instruído com sua inspiração interior e o meu falar não tenha sido "um inútil ruído".

Tradução de fr. Ricardo Farias, ofmcap

-----

- [1] Tomás de Aquino, S.Th., III, q.60, a. 2,2.
- [2] Cf. Agostinho, Sermo 112 (PL 38, 643).
- [3] Paulo VI, *Mysterium fidei* (AAS 57, 1965, p. 753ss).
- [4] Justino, I Apologia, 67,3-4
- [5] Dei Verbum, 12.
- [6] Cf. Agostinho, Comentário à Primeira Epístola de João, 3,13.

# II Pregação da Quaresma 2022

"Para compreender o papel do sacerdote na consagração, é de vital importância conhecer a natureza do sacrifício e do sacerdócio de Cristo, pois é deles que deriva o sacerdócio cristão, seja o batismal comum a todos, seja o dos ministros ordenados."

## "TOMAI, COMEI: ISTO É O MEU CORPO"

O assunto da nossa catequese mistagógica de hoje é a parte central da Missa, a Oração eucarística, ou Anáfora, que tem em seu cento a consagração. Sobre ela, façamos dois tipos de consideração: uma litúrgica e ritual, a outra, teológica e existencial.

Do ponto de vista ritual e litúrgico, hoje temos um novo recurso que não tinham os Padres da Igreja e os doutores medievais. O recurso novo de que dispomos hoje é a reaproximação entre cristãos e judeus. Desde os primeiríssimos dias da Igreja, diversos fatores históricos levaram a acentuar a diferença entre cristianismo e judaísmo, até a contrapô-los entre si, como o faz já Inácio de Antioquia[1]. Distinguir-se dos judeus – sobre a data da Pasqua, os dias de jejum e em várias outras coisas – tonar-se uma espécie de palavra de ordem. Uma acusação frequentemente dirigida aos próprios adversários e aos hereges é a de "judaizar".

A tragédia do povo hebreu e o novo clima de diálogo com o judaísmo, iniciado a partir do Concílio Vaticano II, tornaram possível um melhor conhecimento da matriz hebraica da Eucaristia. Como não se entende a Páscoa cristã se não é considerada como o cumprimento daquilo que a Páscoa hebraica preanunciava, assim não se entende a fundo a Eucaristia se não é vista como o cumprimento daquilo que os hebreus faziam e diziam no curso da sua refeição ritual. Um primeiro resultado importante desta retomada foi que nenhum estudioso sério, hoje, avança mais na hipótese de que a Eucaristia cristã seja explicada à luz da ceia em voga em alguns cultos mistéricos do helenismo, como se tentou fazer por mais de um século.

Os Padres da Igreja consideraram as Escrituras do povo hebreu, mas não a sua liturgia, à qual não tinham mais acesso, após a separação da Igreja da Sinagoga. por isso, eles utilizaram as figuras contidas nas Escrituras – o cordeiro pascal, o sacrifício de Isaac, o de Melquisedec, o maná –, mas não o contexto litúrgico concreto em que o povo hebreu celebrava todas essas recordações, isto é, a refeição ritual celebrada, uma vez por ano, na ceia pascal (o *Seder*) e, semanalmente, no culto sinagogal. O primeiro nome com que a Eucaristia é designada no Novo Testamento por Paulo é o de "ceia do Senhor" (*kuriakon deipnon*) (1Cor 11,20), com referência evidente à ceia hebraica, da qual já se diferencia pela fé em Jesus. A Eucaristia é o sacramento da continuidade entre Antigo e Novo Testamento, entre judaísmo e cristianismo.

#### A Eucaristia e a Beraká hebraica

É esta a perspectiva em que se situa Bento XVI, no capítulo dedicado à instituição da Eucaristia em seu segundo volume sobre Jesus de Nazaré. Seguindo a opinião já predominante entre os estudiosos, ele aceita a cronologia joanina, segundo a qual a última ceia de Jesus não foi uma ceia pascal, mas foi uma solene refeição de despedida (a "última ceia"!) e considera que se possa "traçar o desenvolvimento da *eucharistia* cristã, isto é, do cânon, a partir da *beraká* hebraica"[2].

Por várias razões culturais e históricas, a partir da Escolástica em diante, buscou-se explicar a Eucaristia à luz da filosofia, particularmente, das noções aristotélicas de substância e de acidentes. Isto era também um pôr a serviço da fé os novos conhecimentos do momento e, portanto, um imitar o método dos Padres. Em nossos dias, devemos fazer o mesmo com os novos conhecimentos, desta vez, de ordens históricas e litúrgicas, mais do que filosóficas. Eles têm a vantagem de ser as categorias com que pensava e falava Jesus, que não eram, certamente, os conceitos aristotélicos de matéria e forma, substância e acidentes, mas as de sinal e realidade e de memorial.

Na linha de alguns estudos recentes, sobretudo o de L. Bouyer, gostaria de mostrar a vívida luz que é lançada sobre a Eucaristia cristã quando colocamos as narrativas evangélicas da instituição como pano de fundo do que sabemos da refeição ritual hebraica. A novidade do gesto de Jesus não parecerá diminuída, mas exaltada ao máximo.

O elo entre o antigo e o novo rito é dado pela *Didaké*, um escrito da era apostólica, que podemos considerar o primeiro esboço de anáfora eucarística. O rito sinagogal era composto por uma série de orações chamadas de "berakah", que em grego é traduzido por "Eucarestia". No início da refeição, cada um, à sua vez, tomava em mãos um cálice de vinho e, antes de levá-lo aos lábios, repetia uma bênção que a liturgia atual nos faz repetir quase literalmente no momento do ofertório: "Sê bendito, Senhor, nosso Deus, Rei dos séculos, que nos deste este fruto da videira".

Mas a refeição começava oficialmente apenas quando o pai de família, ou o chefe da comunidade, tivesse partido o pão que devia ser distribuído entre os comensais. E, de fato, Jesus toma o pão, recita a bênção e o distribui dizendo: "Isto é o meu corpo..." E aqui, o rito – que era apenas uma preparação – torna-se a realidade.

Depois da bênção do pão, eram servidos os pratos de costume. Quando a refeição está prestes a terminar, os comensais estão prontos para o grande ato ritual que conclui a celebração e lhe dá o significado mais profundo. Todos lavam as mãos, como no início. Feito isto, tendo diante de si um cálice de vinho misturado com água, quem preside convida a fazer as três orações de agradecimento: a primeira a Deus criador, a segunda pela libertação do Egito, a terceira porque a sua obra continua no presente. Terminada a oração, o cálice passava de mão em mão e cada um bebia. Este, o rito antigo realizado por Jesus em vida.

Lucas afirma que, após ter ceado, Jesus tomou o cálice, dizendo: "Este cálice é a nova Aliança no meu Sangue, que é derramado por vós". Algo de decisivo acontece no momento em que Jesus acrescenta estas palavras à fórmula das orações de agradecimentos, isto é, à *beraká* hebraica. Aquele rito era um banquete sagrado, no qual se celebrava e se agradecia a um Deus salvador, que tinha redimido o seu povo para estreitar com ele uma aliança de amor, concluída no sangue de um cordeiro. A refeição diária bendizia Deus por aquela Aliança, mas agora, no momento e, que Jesus decide dar a vida pelos seus como o verdadeiro cordeiro, ele declarou concluída aquela velha Aliança que todos juntos estavam celebrando liturgicamente.

Naquele momento, com poucas e simples palavras, ele estreita com os seus a nova e eterna Aliança no seu Sangue. Acrescentando as palavras "fazei isto em memória de mim", Jesus confere um alcance duradouro ao seu dom. Do passado, o olhar se projeta ao futuro.

Tudo quanto ele fez até agora na ceia é posto em nossas mãos. Repetindo aquilo que ele fez, renova-se aquele ato central da história humana, que é a sua morte pelo mundo. A *figura* do cordeiro pascal que, na cruz, torna-se *evento*, na ceia nos é dado como *sacramento*, isto é, como memorial perene do evento.

#### Sacerdote e vítima

Isto, dizia eu, no que se refere ao aspecto litúrgico e ritual. Passemos agora à outra consideração, àquela de tipo pessoal e existencial, em outras palavras, ao papel que desempenhamos nós, sacerdotes e fiéis, em tal momento da Missa. Para compreender o papel do sacerdote na consagração, é de vital importância conhecer a natureza do sacrifício e do sacerdócio de Cristo, pois é deles que deriva o sacerdócio cristão, seja o batismal comum a todos, seja o dos ministros ordenados.

Nós não somos mais, na realidade, "sacerdotes segundo a ordem de Melquisedec"; sosmos sacerdotes "segundo a ordem de Jesus Cristo"; sobre o altar, agimos "in persona Christi", isto é, representamos Sumo Sacerdote que é Cristo. Sobre este tema, o Simpósio sobre o sacerdócio, acontecido nesta Sala no mês passado, disse infinitamente mais do que eu posso dizer nesta minha breve reflexão (preparada, além do mais, antes daquela data), mas é também necessário dizer algo aqui para a compreensão da Eucaristia.

A Carta aos Hebreus explica em que consiste a novidade e a unicidade do sacerdócio de Cristo: "Ele entrou no Santuário, não com o sangue de bodes e bezerros, mas com seu próprio sangue, e isto, uma vez por todas, obtendo uma redenção eterna" (Hb 9,12). Todo sacerdote oferece algo de exterior a si mesmo, Cristo ofereceu a si mesmo; todo outro sacerdote oferece vítimas, Cristo se ofereceu vítima!

Santo Agostinho encerrou em poucas palavras a natureza deste novo gênero de sacerdócio, em que sacerdote e vítima são a mesma pessoa: "Ideo sacerdos quia sacrificium", sacerdote porque vítima[3]. Um notável estudioso definiu esta novidade do sacrificio de Cristo como "o fato central na história religiosa da humanidade", que pôs fim para sempre à intrínseca aliança entre o sacro e a violência[4].

Em Cristo, é Deus quem se faz vítima. Não são mais os seres humanos que oferecem sacrifícios a Deus para aplacá-lo e torná-lo favorável; é Deus quem sacrifica a si mesmo pela humanidade, entregando à morte por nós o seu Filho unigênito (cf. Jo 3,16). Jesus não veio com o sangue alheio, mas com o próprio sangue; não pôs os seus pecados sobre as costas de outros — animais ou criaturas humanas —, mas pôs os pecados dos outros sobre as suas costas: "Carregou nossos pecados em seu próprio corpo, sobre o lenho da cruz" (1Pd 2,24). Tudo isso significa que, na Missa, nós devemos ser ao mesmo tempo sacerdotes e vítimas.

À luz disso, reflitamos sobre as palavras da consagração: "Tomai, comei: isto é o meu corpo, que será entregue por vós". Quero dizer, a este propósito, a minha pequena experiência, isto é, como cheguei a descobrir o alcance eclesial e pessoal da consagração eucarística. Eis como eu vivia o momento da consagração na santa Missa nos primeiros anos do meu sacerdócio: eu fechava os olhos, inclinava a cabeça, buscava alienar-me de tudo o que me circundava, para me identificar em Jesus que, no Cenáculo, pronunciou pela primeira vez aquelas palavras: "Accipite et manducate: Tomai, comei...". A própria liturgia inculcava esta postura, fazendo pronunciar as palavras da consagração a baixa voz e em latim, inclinado sobre as espécies.

Em seguida, houve a reforma litúrgica do Vaticano II. Começou-se a celebrar a Missa olhando a assembleia; não mais em latim, mas na língua do povo. Isto me ajudou a entender que aquela minha postura, sozinho, não exprimia todo o significado da minha participação na consagração. Aquele Jesus do Cenáculo não existe mais! Existe o Cristo ressuscitado: o Cristo, para sermos exatos, que morreu, mas agora vive para sempre (cf. Ap 1,18). Mas estes Jesus é o "Cristo total", Cabeça e corpo inseparavelmente unidos. Portanto, se é este Cristo total que pronuncia as palavras da consagração, eu também as pronuncio com ele. Eu as pronuncio, sim, "in persona Christi", em nome de Cristo, mas também "em primeira pessoa", isto é, em meu nome.

A partir daquele dia em que compreendi isso, comecei a não mais fechar os olhos no momento da consagração, mas a olhar — ao menos vez ou outra — os irmãos que tenho diante, ou, se celebro sozinho, penso naqueles que devo encontrar durante o dia e aos quais devo dedicar o meu tempo, ou penso mesmo em toda a Igreja e, voltado para eles, digo com Jesus: "Tomai, todos, e comei: isto é o

meu corpo, que quero dar por vós... Tomai, todos, e bebei: isto é o meu sangue, que quero derramar por vós".

Em seguida, veio Santo Agostinho a tirar-me toda dúvida. "Naquilo que oferece, a Igreja oferece a si mesma"[5], escreve em uma famosa passagem do *De civitate Dei*. Mais perto de nós, a mística mexicana Concepción Cabrera de Armida, familiarmente chamada Conchita, falecida em 1937 e beatificada pelo Papa Francisco em 2019, ao filho jesuíta, prestes a ser ordenado sacerdote, escreveu estas palavras: "Lembre-se, meu filho, quando tiver na mão a Hóstia Sagrada, não dirá: 'Aqui está o corpo de Jesus, aqui está o seu sangue', mas dirá: 'Isto é o meu corpo, este é o meu sangue': isto é, um a transformação deve ocorrer em você total, você deve se perder nele, ser outro Jesus".[6]

Tudo isso não se aplica apenas aos bispos e sacerdotes ordenados, mas a todos os batizados. Um famoso texto do Concílio assim se expressa:

"Os fiéis, por sua parte, concorrem para oblação da Eucaristia em virtude do seu sacerdócio real... Pela participação no sacrifício eucarístico de Cristo, fonte e centro de toda a vida cristã, oferecem a Deus a vítima divina e a si mesmos juntamente com ela; assim, quer pela oblação quer pela sagrada comunhão, não indiscriminadamente, mas cada um a seu modo, todos tomam parte na ação litúrgica"[7].

Há dois corpos de Cristo sobre o altar: há o seu corpo real (o corpo "nascido da Virgem Maria", morto, ressuscitado e subido ao céu) e há o seu corpo místico, que é a Igreja. Contudo, sobre o altar, está presente realmente o seu corpo real e está presente misticamente o seu corpo místico, em que "misticamente" significa: por força da sua inseparável união com a Cabeça. Nenhuma confusão entra as duas presenças, que são distintas, mas inseparáveis.

Dado que há duas "ofertas" e dois "dons" sobre o altar — o que deve se tornar o corpo e o sangue de Cristo (o pão e o vinho) e o que deve se tornar o corpo místico de Cristo —, assim há também duas "epicleses" na Missa, isto é, duas invocações do Espírito Santo. Na primeira, reza-se: "Por isso, nós vos suplicamos: santificai pelo Espírito Santo as oferendas que vos apresentamos para serem consagradas, a fim de que se tornem o Corpo e o Sangue de Jesus Cristo"; na segunda, que se recita após a consagração, reza-se:

"sejamos repletos do Espírito Santo e nos tornemos em Cristo um só corpo e um só espírito. Que ele faça de nós uma oferenda perfeita".

Eis como a Eucaristia faz a Igreja: a Eucaristia faz a Igreja, fazendo da Igreja uma Eucaristia! A Eucaristia não é apenas, genericamente, a fonte ou a causa da santidade da Igreja; é também a sua "forma", isto é, o modelo. A santidade do cristão deve se realizar segundo a "forma" da Eucaristia; deve ser uma santidade eucarística. O cristão não pode se limitar a celebrar a Eucaristia, deve ser Eucaristia com Jesus.

#### O corpo e o sangue

Agora podemos tirar as consequências práticas desta doutrina para a nossa vida diária. Se, na consagração, também somos nós que dizemos, voltados aos irmãos: "Tomai, comei: isto é o meu corpo. Tomai, comei: isto é o meu sangue", devemos saber o que significam "corpo" e "sangue", para saber o que oferecemos.

A palavra "corpo" não indica, na Bíblia, um componente, ou uma parte, do homem que, unido aos outros componentes que são a alma e o espírito, forma o homem completo. Na linguagem bíblica e, portanto, na de Jesus e de Paulo, "corpo" indica o homem inteiro, na medida em que vive a sua vida em um corpo, em uma condição corpórea e mortal. "Corpo", portanto, indica toda a vida. Ao instituir a Eucaristia, Jesus nos deixou toda a sua vida como um dom, desde o primeiro momento da encarnação até o último momento, com tudo o que preenchia concretamente aquela vida: silêncio, suor, fadigas, oração, lutas, humilhações...

Em seguida, Jesus diz: "Isto é o meu sangue". O que acrescenta com a palavra "sangue", se já nos deu toda a sua vida em seu corpo? Acrescenta a morte! Depois de nos ter dado a vida, ele também nos dá a parte mais preciosa dela, a sua morte. De fato, o termo "sangue", na Bíblia, não indica uma parte do corpo, isto é, uma parte de uma parte do homem; indica um evento: a morte. Se o sangue é a sede da vida (assim se pensava então), seu "derramamento" é o sinal plástico da morte. A Eucaristia é o mistério do corpo e do sangue do Senhor, isto é, da vida e da morte do Senhor!

Agora, vindo a nós, o que oferecemos, oferecendo nosso corpo e nosso sangue, junto com Jesus, na Missa? Nós também oferecemos o que Jesus ofereceu: a vida e a morte. Com a palavra "corpo", damos tudo o que constitui concretamente a vida que levamos neste

mundo, a nossa experiência: tempo, saúde, energias, capacidades, afeto, talvez apenas um sorriso. O sorriso é algo que só um espírito que vive em um corpo pode fazer e é, às vezes, algo tão precioso. Com a palavra "sangue", também nós expressamos a oferta da nossa morte. Não necessariamente a morte definitiva, o martírio por Cristo ou pelos irmãos. É morte tudo o que em nós, a partir de agora, prepara e antecipa a morte: humilhações, fracassos, doenças que imobilizam, limitações causadas pela idade, pela saúde, tudo isso, em uma palavra, que nos "mortifica".

Tudo isso exige, contudo, que nós, assim que saímos da Missa, empenhemo-nos em cumprir o que dissemos; que realmente nos esforcemos, com todas as nossas limitações, para oferecer aos irmãos o nosso "corpo", isto é, o tempo, as energias, a atenção; em uma palavra, a nossa vida. É preciso, portanto, que, depois de ter dito aos irmãos: "Tomai, comei", nós nos deixemos realmente "comer", e nos deixemos comer sobretudo por quem não o faz com toda a delicadeza e cortesia que esperaríamos. Santo Inácio de Antioquia, a caminho de Roma para aí morrer mártir, escrevia: "Sou trigo de Deus, serei triturado pelos dentes das feras para tornar-me o puro pão de Cristo"[8]. Cada um de nós, se olhar bem ao redor, verá esses dentes afiados de feras que ameaçam: são críticas, contrastes, oposições ocultas ou às claras, divergências de opiniões com quem está ao nosso lado, diversidades de caráter.

Tentemos imaginar o que aconteceria se celebrássemos a Missa com esta participação pessoal, se todos realmente disséssemos, no momento da consagração, quem em voz alta, quem em silêncio, segundo o ministério de cada um: "Tomai, comei". Um sacerdote, um pároco e, mais ainda, um bispo, celebra assim a sua Missa, depois sai: reza, prega, confessa, recebe pessoas, visita doentes, escuta... Também o seu dia é Eucaristia. Um grande mestre espiritual francês, Pierre Olivaint (1816-1871), dizia: "De manhã, na Missa, eu sou sacerdote e Jesus é vítima; ao longo do dia, Jesus é sacerdote e eu, vítima". Assim um sacerdote imita o "bom Pastor", porque dá realmente a vida pelas suas ovelhas.

#### A nossa assinatura sobre o dom

Gostaria de resumir, com a ajuda de um exemplo humano, o que acontece na celebração eucarística. Pensemos em uma numerosa família na qual há um filho, o primogênito, que admira e ama sem medidas o próprio pai. Pelo seu aniversário, que dar-lhe um presente precioso. Antes de presenteá-lo, porém, pede secretamente

a todos os seus irmãos e irmãs para pôr sua assinatura sobre o presente. Este chega às mãos do pai, portanto, como sinal de amor de todos os seus filhos, indistintamente, mesmo se, na realidade, apenas um pagou o preço dele.

É o que acontece no sacrifício eucarístico. Jesus admira e ama sem medidas o Pai celeste. A Ele, quer dar, cada dia, até o fim do mundo, o dom mais precioso que se possa imaginar, o da sua própria vida. Na Missa, ele convida todos os seus irmãos e irmãs a pôr a própria assinatura sobre o dom, de maneira que ele chegue a Deus Pai como dom indistinto de todos os seus filhos, ainda que apenas um tenha pagado o preço de tal dom. E que preço!

A nossa assinatura são as poucas gotas de água que são misturadas ao vinho no cálice. Não são mais do que água, mas, misturadas no cálice, tornam-se uma única bebida. A assinatura de todos é o solene Amém que a assembleia pronuncia, ou canta, ao término da doxologia: "Por Cristo, com Cristo, em Cristo, a vós, Deus Pai todopoderoso, na unidade do Espírito Santo, toda a honra e toda a glória, agora e para sempre... AMÉM!".

Sabemos que quem assinou um compromisso, tem o dever de honrar a própria assinatura. Isto quer dizer que, saindo da Missa, devemos fazer também nós da nossa vida um dom de amor ao Pai e aos irmãos. Nós, repito, não somos chamados apenas a celebrar a Eucaristia, mas também a nos fazer eucaristia. Que Deus nos ajude nisto!

Tradução de fr. Ricardo Farias, ofmcap

- [1] Cf. Inácio de Antioquia, Carta aos Magnésios, 10,3.
- [2] Cf. J. Ratzinger Benedetto XVI, *Gesù di Nazaret*, vol. II, LEV, Roma 2011, p.132-163; cf. L. Bouyer, *Eucharistie. Théologie et spiritualità de la prière eucharistique*. Desclée, Tournai 1966 (trad. ital. *Eucaristia. Teologia e spiritualità della Preghiera eucaristica*, LDC, Torino 1983.
- [3] Agostinho, Confissões, X,43.
- [4] Cf. R. Girard, *Des choses cachées depuis la fondation du monde,* Grasset, Paris 1978.
- [5] Cf. Agostinho, De civitate Dei, X, 6: "In ea re quam offert, ipsa [Ecclesia] offertur".

- [6] *Diario spirituale di una madre di famiglia*, a cura di M.-M. Philipon, Roma, Città Nuova, 1985, p. 117.
- [7] Lumen gentium, 10-11.
- [8] Cf. Inácio de Antioquia, Carta aos romanos, 4,1

# III Pregação da Quaresma 2022

"Refletir sobre a Eucaristia é como ver escancarar-se diante de nós, à medida que avançamos, horizontes sempre mais vastos que se abrem um sobre o outro, a perder de vista. O horizonte cristológico da comunhão que contemplamos até aqui se abre, de fato, sobre um horizonte trinitário. Em outras palavras, por meio da comunhão com Cristo, nós entramos em comunhão com toda a Trindade."

#### A COMUNHÃO COM O CORPO E O SANGUE DE CRISTO

Em nossa catequese mistagógica sobre a Eucaristia – após a Liturgia da Palavra e a Consagração –, chegamos ao terceiro momento, o da comunhão. Este é o momento da Missa que mais claramente expressa a unidade e a igualdade fundamental de todos os membros do povo de Deus, abaixo de qualquer distinção de posição e ministério. Até então, a distinção dos ministérios é visível: na liturgia da Palavra, a distinção entre a Igreja que ensina e a Igreja que aprende; na consagração, a distinção entre o sacerdócio ministerial e o sacerdócio universal. Na comunhão não há distinção. A comunhão recebida pelo simples batizado é idêntica à recebida pelo sacerdote ou pelo bispo. A comunhão eucarística é a proclamação sacramental de que a *koinonia* vem em primeiro lugar na Igreja e é mais importante que a *hierarquia*.

Reflitamos sobre a comunhão eucarística a partir de um texto de São Paulo:

O cálice da bênção, que abençoamos, não é comunhão com o sangue de Cristo? E o pão que partimos, não é comunhão com o corpo de Cristo? Porque há um só pão, nós, embora muitos, somos um só corpo, pois todos participamos desse único pão (1Cor 10,16-17).

A palavra "corpo" recorre duas vezes nos dois versículos, mas com um significado diverso. No primeiro caso ("o pão que partimos, não é comunhão com o corpo de Cristo?"), indica o corpo real de Cristo, nascido de Maria, morto e ressuscitado; no segundo ("somos um só corpo"), indica o corpo místico, a Igreja. Não se podia dizer de maneira mais sucinta e mais clara que a comunhão eucarística é

sempre comunhão com Deus e comunhão com os irmãos; que nela há uma dimensão, por assim dizer, vertical uma dimensão horizontal. Partamos da primeira.

#### A Eucaristia comunhão com Cristo

Busquemos aprofundar qual gênero de comunhão se estabelece entre nós e Cristo na Eucaristia. Em João 6,57, Jesus diz: "Como o Pai, que vive, me enviou e eu vivo pelo Pai, também *o que comer de mim viverá por mim*". A preposição "por" (em grego, *dià*) tem aqui valor causal e final; indica tanto um movimento de proveniência e um movimento de destinação. Significa que quem come o corpo de Cristo vive "dele", isto é, por causa dele, em virtude da vida que provém dele, e vive "em vista dele", isto é, para sua glória, seu amor, seu Reino. Como Jesus vive do Pai e para o Pai, assim, comungando do santo mistério do seu corpo e do seu sangue, nós vivemos de Jesus e para Jesus.

É, de fato, o princípio vital mais forte que assimila a si o menos forte, não vice-versa. É o vegetal que assimila o mineral, não vice-versa; é o animal que assimila tanto o vegetal quanto o mineral, não vice-versa. Assim, agora, no nível espiritual, é o divino que assimila a si o humano, e não vice-versa. Enquanto que, em todos os outros casos, é aquele que come quem assimila a si o que come, aqui, aquele que é comido é quem assimila a si quem o come. A quem se aproxima para recebê-lo, Jesus repete o que dizia a Agostinho: "Não me transformarás em ti, mas te transformarás em mim"[1].

Um filósofo ateu afirmou: "O homem é o que come" (F. Feuerbach), querendo dizer que no homem não existe uma diferença qualitativa entre matéria e espírito, mas que tudo se reduz ao componente orgânico e material. Um ateu, sem saber, deu a melhor formulação de um mistério cristão. Graças à Eucaristia, o cristão é realmente o que come! Já escrevia, há muito tempo, São Leão Magno: "A nossa participação no corpo e no sangue de Cristo não tende a outra coisa senão a fazer com que nos tornemos o que comemos"[2].

Na Eucaristia, não há, portanto, apenas *comunhão* entre Cristo e nós, mas também *assimilação*, a comunhão não é apenas união de dois corpos, de duas mentes, de duas vontades, mas é assimilação ao único corpo, à única mente e vontade de Cristo. "Quem se une ao Senhor, torna-se com ele um só espírito" (1Cor 6,17).

Aquela da alimentação – do comer e do beber – não é a única analogia que temos da comunhão eucarística, ainda que insubstituível. Há algo que ela não pode expressar, como não pode a analogia da comunhão entre a videira o ramo: são comunhões entre coisas, não entre pessoas. Comungam, mas sem sabê-lo. Gostaria de insistir sobre uma outra analogia que pode nos ajudar a entender a natureza da comunhão eucarística enquanto comunhão entre pessoas que sabem e querem estar em comunhão.

A Carta aos Efésios diz que o matrimônio humano é um símbolo da união entre Cristo e a Igreja: "Por isso, o homem deixará seu pai e sua mãe e se unirá à sua mulher, e os dois serão uma só carne. Este mistério é grande — eu digo isto com referência a Cristo e à Chiesa!" (Ef 5,31-33). A Eucaristia — para usar uma imagem audaz, mas verdadeira — é a consumação do matrimônio entre Cristo e a Igreja, e uma vida cristã sem a Eucaristia é um matrimônio ratificado, mas não consumado. No momento da comunhão, o celebrante exclama: "Felizes os convidados para a Ceia do Senhor." (*Beati qui ad coenam agni vocati sunt*) e o Apocalipse - do qual a frase é tirada - diz ainda mais explicitamente: "Felizes os convidados para a *ceia das bodas* do Cordeiro" (Ap 19,9).

Agora – sempre segundo São Paulo – a consequência imediata do matrimônio é que o corpo (isto é, a pessoa toda) do marido se torna da esposa, e vice-versa, o corpo da esposa se torna do marido (cf. 1Cor 7,4). Isto significa que a carne incorruptível e doadora de vida do Verbo encarnado se torna "minha", mas também a minha carne, a minha humanidade, torna-se de Cristo, é apropriada por ele. Na Eucaristia, nós recebemos o corpo e o sangue de Cristo, mas também Cristo "recebe" o nosso corpo e o nosso sangue! Jesus, escreve Santo Hilário de Poitiers, assume a carne daquele que assume a sua[3]. Ele nos diz: "Toma, isto é o meu corpo", mas também podemos dizerlhe: "Toma, isto é o meu corpo".

Busquemos entender as consequências de tudo isso. Em sua vida terrena, Jesus não fez todas as experiências humanas possíveis e imagináveis. Para começar, foi um homem, não uma mulher: não viveu a condição de metade da humanidade; não era casado, não experimentou o que significa estar unido por toda a vida a uma outra criatura, ter filhos, ou, pior, perder filhos; morreu jovem, não conheceu a velhice...

Mas agora, graças à Eucaristia, ele faz todas essas experiências. Vive na mulher a condição feminina, no enfermo, a enfermidade, no idoso, a velhice, no emigrante a precariedade, no bombardeado o terror... Não há nada em minha vida que não pertença a Cristo. Ninguém pode dizer: "Ah, Jesus não sabe o que significa ser casado, ser mulher, ter perdido um filho, estar doente, ser idoso, ser uma pessoa de cor!". O que Cristo não pôde viver "segundo a carne", vive e "experimenta" agora como ressuscitado "segundo o Espírito", graças à comunhão esponsal da Missa. Tinha compreendido o motivo profundo disso Santa Isabel da Trindade, quando escrevia para sua mãe: "A esposa pertence ao esposo. O meu (Esposo) me tomou. Quer que eu seja para ele um acréscimo de humanidade"[4].

Que inesgotável motivo de estupor e consolação, pensar que a nossa humanidade se torna a humanidade de Cristo! Mas também, que responsabilidade tudo isso! Se os meus olhos se tornaram os olhos de Cristo, a minha boca, a de Cristo, eis o motivo para não permitir ao meu olhar se deter em imagens lascivas, à minha língua, não falar contra o irmão, ao meu corpo, não servir como instrumento de pecado. "Poderia eu fazer dos membros de Cristo membros de uma prostituta?", escrevia aterrorizado São Paulo aos Coríntios (1Cor 6,15).

Todavia, ainda não é tudo; falta a parte mais bonita. O corpo da esposa pertence ao esposo; mas também o corpo do esposo pertence à esposa. Do dar, deve-se passar imediatamente, na comunhão, ao receber. Receber nada menos do que a santidade de Cristo! Onde se atuará, concretamente, na vida do fiel, aquela "maravilhosa troca" (admirabile commercium) de que fala a liturgia, se não se atua no momento da comunhão?

Aí temos a possibilidade de dar a Jesus os nossos farrapos e receber dele o "manto da justiça" (Is 61,10). De fato, está escrito que ele "se tornou para nós, da parte de Deus, sabedoria, justiça, santificação e redenção" (cf. 1Cor 1,30). O que ele se tornou "por nós" nos é destinado, pertence-nos. "Pois – escreve Cabasilas – como não pertencemos mais a nós mesmos, mas a Cristo que nos readquiriu a um alto preço (cf. 1Cor 6,20), daí segue-se que o que é de Cristo nos pertence, é mais nosso do que aquilo que provém de nós"[5]. Só precisamos lembrar de uma coisa: nós pertencemos a Cristo por direito, ele nos pertence pela graça!

É uma descoberta capaz de dar asas à nossa vida espiritual. Este é o golpe de audácia da fé, e deveríamos rezar a Deus que não nos permita morrer sem antes tê-lo realizado.

#### A Eucaristia, comunhão com a Trindade

Refletir sobre a Eucaristia é como ver escancarar-se diante de nós, à medida que avançamos, horizontes sempre mais vastos que se abrem um sobre o outro, a perder de vista. O horizonte cristológico da comunhão que contemplamos até aqui se abre, de fato, sobre um horizonte trinitário. Em outras palavras, por meio da comunhão com Cristo, nós entramos em comunhão com toda a Trindade. Em sua "oração sacerdotal", Jesus diz ao Pai: "Que eles sejam um, como nós somos um. Eu neles e tu em mim" (Jo 17,23). Aquelas palavras: "Eu neles e tu em mim", significam que Jesus está em nós e que em Jesus há o Pai. Por isso, não se pode receber o Filho sem receber, com ele, também o Pai. A palavra de Cristo: "Quem me vê, vê o Pai" (Jo 14,9), significa também "quem me recebe, recebe o Pai".

O motivo último disso é que Pai, Filho e Espírito Santo são uma única e inseparável natureza divina, são "um". Escreve, a este propósito, Santo Hilário de Poitiers: "Nós estamos unidos a Cristo, que é inseparável do Pai. Ele, mesmo permanecendo unido ao Pai, permanece unido a nós; assim também nós chegamos à unidade com o Pai. De fato, Cristo está no Pai conaturalmente, enquanto dele gerado; mas, de certo modo, também nós, por meio de Cristo, estamos conaturalmente no Pai. Ele vive em virtude do Pai e nós vivemos em virtude da sua humanidade"[6].

O que se diz do Pai vale também para o Espírito Santo. Na Eucaristia, tem-se uma réplica sacramental do que aconteceu na vida terrena de Cristo. No momento do seu nascimento terreno, é o Espírito Santo quem doa Cristo ao mundo (Maria concebeu por obra do Espírito Santo!); no momento da morte, é Cristo quem doa ao mundo o Espírito Santo (morrendo, "entregou o Espírito"). De forma semelhante, na Eucaristia, no momento da consagração, é o Espírito Santo que nos doa Jesus (é pela ação do Espírito que o pão se transforma no corpo de Cristo!), no momento da comunhão é Cristo que, vindo a nós, doa-nos o Espírito Santo.

Santo Irineu (finalmente Doutor da Igreja!) diz que o Espírito Santo é "a nossa mesma comunhão com Cristo"[7]. Na comunhão, Jesus vem a nós como aquele que doa o Espírito. Não como aquele que um dia, há muito tempo, deu o Espírito, mas como aqueles que *agora*, consumado o seu sacrifício incruento sobre o altar, de novo, "entrega o Espírito" (cf. Jo 19, 30). A Eucaristia não é apenas a Páscoa diária; é também Pentecostes diário!

#### A comunhão uns com os outros

Destas alturas vertiginosas, voltemos agora à terra e passemos à segunda dimensão da comunhão eucarística: a comunhão com o corpo de Cristo que é a Igreja. Recordemos a palavra do Apóstolo: "Porque há um só pão, nós, embora muitos, somos um só corpo, pois todos participamos desse único pão".

Desenvolvendo um pensamento já esboçado na *Didaké*, Santo Agostinho vê uma analogia no modo em que se formam os dois corpos de Cristo: o eucarístico e o eclesial. No caso da Eucaristia, temos o grão de trigo primeiramente lançado nas colinas que, debulhado, moído, misturado na água e cozido ao fogo, torna-se o pão que chega sobre o altar; no caso da Igreja, temos a multidão das pessoas que, reunidas pela pregação evangélica, moídas pelos jejuns e pela penitência, misturadas na água do batismo e cozidas ao fogo do Espírito, formam o corpo que é a Igreja[8].

Imediatamente, vem ao nosso encontro, a este propósito, a palavra de Cristo: "Se, portanto, levares a tua oferenda ao altar, te lembrares de que teu irmão tem algo contra ti, deixa a tua oferenda lá diante do altar, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão e, então, volta para apresentar a tua oferenda" (Mt 5,23-24). Se você vai receber a comunhão, mas ofendeu um irmão e não se reconciliou, você se assemelha — dizia ainda Santo Agostinho ao povo — a alguém que vê chegar um amigo, o qual não via há anos. Você corre para encontrálo, você se levanta na ponta dos pés para beijar sua fronte... Mas, ao fazer este gesto, não se dá conta de que lhe está pisando os pés com calçados cheios de pregos[9]. Os irmãos e irmãs são os pés de Jesus que ainda caminha sobre a terra

## Comunhão com os pobres

Isto vale, de modo especial, em relação aos pobres, aos aflitos e marginalizados. Aquele que disse sobre o pão: "Isto é o meu corpo", disse também sobre o pobre. Disse-o quando, falando do que tiver sido feito para o faminto, o sedento, o preso e o nu, declarou solenemente: "Foi a mim que o fizestes!". É como dizer: "Estava com fome, com sede, eu era o forasteiro, o doente, o prisioneiro" (cf. Mt 25,35ss). Já recordei outras vezes o momento em que esta verdade quase explodiu dentro de mim. Eu estava em missão em um país muito pobre. Caminhando pelas ruas da capital, eu via por todo lado crianças cobertas por farrapos sujos, que corriam atrás do caminhão de lixo para procurar algo para comer. Em um certo momento, era

como se Jesus me dissesse interiormente: "Olha bem: aquilo é o meu corpo!". Foi de tirar o fôlego.

A irmã do grande filósofo cristão Blaise Pascal relata o seguinte fato sobre seu irmão. Em sua última enfermidade, não conseguia reter nada do que comia e, por isso, não lhe permitiram receber o viático, que pedia insistentemente. Então disse: "Se não podem me dar a Eucaristia, deixem pelo menos que entre um pobre em meu quarto. Se não posso comungar a Cabeça, quero ao menos comungar com o seu corpo"[10].

O único impedimento para receber a comunhão que São Paulo menciona explicitamente é o fato de que, na assembleia, "um passa fome e outro se embriaga": "De fato, quando vos reunis, não é para comer a ceia do Senhor, pois cada um se apressa em comer a sua própria ceia e, enquanto um passa fome, o outro se embriaga" (1Cor 11,20-21). Dizer "isto não é comer a ceia do Senhor" é como dizer: a sua não é mais uma verdadeira Eucaristia! É uma afirmação forte, também de um ponto de vista teológico, à qual talvez não prestemos bastante atenção.

Hoje em dia, a situação em que alguém passa fome e outro desperdiça comida não é mais um problema local, mas mundial. Não pode haver nada em comum entre a ceia do Senhor e o almoço do homem rico, onde o patrão tem um abundante banquete, ignorando o pobre que está fora da porta (cf. Lc 16,19ss). A preocupação de compartilhar o que se tem com quem necessita, próximos e distantes, deve ser parte integrante de nossa vida eucarística.

Não há ninguém que, querendo, não possa, durante a semana, cumprir um daqueles gestos de que fala Jesus: "Foi a mim que o fizestes". Compartilhar não significa simplesmente "dar algo": pão, roupas, hospitalidade; significa também visitar alguém: um prisioneiro, um doente, um idoso solitário. Não é dar apenas do próprio dinheiro, mas também do próprio tempo. O pobre e o sofredor precisam de solidariedade e amor, não menos do que de pão e roupas, sobretudo neste tempo de isolamento imposto pela pandemia.

Jesus disse: "Os pobres sempre tendes convosco, mas a mim não tereis sempre" (Mt 26,11). Isto é verdade também no sentido de que nem sempre podemos receber o corpo de Cristo na Eucaristia e, mesmo quando o recebemos, isto dura apenas alguns minutos, enquanto podemos sempre recebê-lo nos pobres. Aqui, não há

limites, é necessário apenas que o queiramos. Os pobres estão sempre ao nosso alcance. Cada vez que encontramos alguém que sofre, especialmente se se trata de certas formas extremas de sofrimento, se estivermos atentos, ouviremos, com os ouvidos da fé, a palavra de Cristo: "Isto é o meu corpo!".

Concluo com uma pequena história que li em algum lugar. Um homem vê uma menina desnutrida, descalça e tremendo de frio, e brada a Deus, quase com raiva: "Ó Deus, por que não fazes algo por aquela menina?". Deus lhe responde: "Claro que fiz algo por aquela menina: eu te fiz!

Que Deus nos ajude a recordar disso no momento certo.

\_

Tradução de fr. Ricardo Farias, ofmcap

- [1] Cf. Agostinho, Confissões, VII,10.
- [2] Cf. Leão Magno, Sermão 12 sobre a Paixão, 7 (CCL 138A, p. 388).
- [3] Cf. Hilário de Poitiers, *De Trinitate*, 8, 16 (PL 10, 248): "Eius tantum in se adsumptam habens carnem, qui suam sumpserit".
- [4] Cf. Isabel da Trindade, Carta 261, à mãe (in *Scritti*, Roma 1967, p. 457).
- [5] N. Cabasilas, Vida em Cristo, IV,6 (PG 150,613).
- [6] Cf. Hilário de Poitiers, De Trinitate, VIII,13-16 (PL 10, 246 ss).
- [7] Cf. Irineu, Adversus haereses, III, 24, 1.
- [8] Cf. Agostinho, Sermo Denis 6 (PL 46, 834 ss).
- [9] Cf. Agostinho, Comentário à Primeira Epístola de João, 10,8.
- [10] Cf. Vida de Pascal, in B. Pascal, Œuvres complètes, Paris 1954, pp. 3ss

# IV Pregação da Quaresma 2022

"Da fé e do "sentimento" da presença real, deve brotar espontaneamente a reverência e, até, a ternura para com Jesus sacramentado. Este é um sentimento tão delicado e pessoal, que só falando dele nos arriscamos a estragá-lo. São Francisco de Assis teve o coração cheio desses sentimentos de reverência e ternura. O Poverello enternece-se diante de Jesus sacramentado, como em Greccio se enternecia diante do Menino de Belém: ele o vê assim, confiado aos homens, tão inerme, tão humilde."

#### A EUCARISTIA, PRESENÇA REAL DO SENHOR

Depois das catequeses mistagógicas sobre as três partes da Missa – liturgia da palavra, consagração e comunhão – meditemos hoje a Eucaristia como presença real de Cristo na Igreja.

Como enfrentar um mistério tão alto e tão inacessível? Vêm-nos logo à memória as variadíssimas teorias e discussões existentes acerca disso, as divergências entre católicos e protestantes, entre latinos e ortodoxos, que enchiam os livros por onde estudamos teologia, nós que temos uma certa idade e somos tentados a pensar que é impossível dizer ainda alguma coisa acerca deste mistério que possa edificar a nossa fé e aquecer o nosso coração, sem desembocarmos inevitavelmente na polêmica interconfessional.

Mas esta é precisamente a obra maravilhosa que o Espírito Santo vai realizando nos nossos dias entre todos os cristãos. Ele impele-nos a reconhecer quanta parte tinham, nas nossas disputas eucarísticas, a presunção humana de poder encerrar o mistério numa teoria ou, até, numa palavra, como também a vontade de prevalecer sobre o adversário. Impele-nos a arrependermo-nos por termos reduzido o supremo penhor de amor e de unidade, que o Senhor nos deixou, a um objeto privilegiado das nossas altercações.

A via do ecumenismo eucarístico é a via do reconhecimento recíproco, a via cristã da *ágape*, da partilha e das diferenças reconciliadas de que fala nosso Santo Padre. Não se trata de passar por cima das divergências reais, ou de renunciar a alguma coisa da

doutrina católica autêntica. Trata-se, antes, de reunir todos os aspectos positivos e os valores autênticos que existem em cada uma das tradições, de modo a constituir um "montão" de verdades comuns que comece a atrair-nos para a unidade.

É incrível como algumas posições católicas, ortodoxas e protestantes, acerca da presença real, se tornam divergentes entre si e destrutivas, quando contrapostas e vistas em alternativa entre si, ao passo que se mostram maravilhosamente convergentes, se mantidas juntas em equilíbrio. É a síntese que devemos começar a fazer; devemos passar, como por um crivo, as grandes tradições cristãs, para colher de cada uma, como nos exorta o Apóstolo, "aquilo que é bom" (cf. 1Ts 5,21). Esta é a única maneira pela qual podemos esperar um dia sentar à mesma mesa.

Uma presença real, mas escondida: a tradição latina

Vamos agora examinar, com este espírito, as três principais tradições eucarísticas — a latina, a ortodoxa e a protestante — para nos edificarmos com as riquezas de cada uma e reunir a todas no tesouro comum da Igreja. A ideia que, no final, iremos ter do mistério da presença real ficará mais rica e mais viva. Na visão da teoria latina, o centro indiscutível da ação eucarística, da qual deriva a presença real de Cristo, é o momento da consagração. Nele, Jesus age e fala em primeira pessoa. A teologia latina recolhe, nisto, todo um filão da tradição patrística. Santo Ambrósio escreve:

Este pão é pão antes das palavras sacramentais; mas, ao intervir a consagração, o pão torna-se carne de Cristo... Com que palavras se fez a consagração, e de quem são essas palavras? Do Senhor Jesus! Todas as coisas que se dizem antes desse momento são ditas pelo sacerdote que louva a Deus, reza pelo povo, pelos reis e pelos outros; mas quando se chega ao momento de realizar o venerável sacramento, o sacerdote já não utiliza palavras suas, mas de Cristo. É, pois, a palavra que opera (*conficit*) o sacramento... Vês quanto é eficaz (*operatorius*) a fala de Cristo? Antes da consagração não havia corpo de Cristo, mas depois da consagração, eu digo-te que já existe o corpo de Cristo. Ele diz e a coisa acontece, Ele ordena e a coisa se afirma" (Sl 33,9)[1].

Podemos falar, na visão latina, de um realismo cristológico. "Cristológico", porque toda a atenção aqui se volta para Cristo, visto quer na sua existência histórica e encarnada, quer na de Ressuscitado; Cristo é tanto o objeto como o sujeito da Eucaristia, isto é, Aquele que é realizado na Eucaristia e Aquele que realiza a Eucaristia. "Realismo", porque este Jesus não é visto presente no altar simplesmente num sinal ou num símbolo, mas em verdade e com a sua realidade. Esse realismo cristológico é visível, para darmos um exemplo, no cântico *Ave verum*: "Salve, corpo verdadeiro, nascido de Maria Virgem, que realmente sofreste e foste imolado na cruz pelos homens, e de cujo Lado aberto brotou sangue e água...".

Seguidamente, o Concílio de Trento definiu melhor este modo de conceber a presença real, usando três advérbios: *vere, realiter, substantialiter*. Jesus está presente verdadeiramente, não só em imagem, ou em figura; está presente realmente, não só subjetivamente, para a fé dos crentes; está presente substancialmente, ou seja, segundo a sua realidade profunda que é invisível aos sentidos, e não segundo as aparências que continuam a ser as do pão e do vinho.

Poderia haver o perigo, é verdade, de se cair num "cru" realismo, ou num realismo exagerado, mas existe na Igreja o remédio para este perigo. Santo Agostinho esclareceu, de uma vez para sempre, que a presença de Jesus acontece "in sacramento". Não é, por outras palavras, uma presença física, mas sacramental, mediada por sinais que são, precisamente, o pão e o vinho. Neste caso, porém, o sinal não exclui a realidade, mas torna-a presente, no único modo com que Cristo ressuscitado que "vive no Espírito" (1Pd 3,18) pode tornar-Se presente entre nós, enquanto vivemos ainda no corpo.

Santo Tomás de Aquino – o outro grande artífice da espiritualidade eucarística ocidental, juntamente com Santo Ambrósio e Santo Agostinho – diz a mesma coisa, ao falar de uma presença de Cristo "segundo a substância" sob as espécies do pão e do vinho[2]. De fato, dizer que Jesus se torna presente na Eucaristia com a sua substância, quer dizer que Se torna presente com a sua realidade verdadeira e profunda, que pode ser compreendida só mediante a fé. No hino *Adoro te devote*, que reflete de perto o pensamento de Tomás de Aquino e que serviu mais do que muitos livros para moldar a piedade eucarística latina, diz-se: "Os olhos, o tato, o gosto, tudo aqui perde valor; fica só a fé na tua palavra": *Visus tactus qustus in te fallitur – sed auditui solo tuto creditur*".

Cristo está, por isso, presente na Eucaristia num modo único que não tem correspondente noutro lugar. Nenhum adjetivo, por si só, é suficiente para descrever essa presença; nem sequer o adjetivo "real". Real vem de *res* (coisa) e significa como uma coisa ou objeto. Ora, Jesus não está presente na Eucaristia como uma "coisa" ou um objeto, mas como uma pessoa. Se se quer atribuir um nome a esta presença, seria melhor chamar-lhe presença "eucarística", porque se realiza somente na Eucaristia.

#### A ação do Espírito Santo: a tradição ortodoxa

A teologia latina apresenta muitas riquezas, mas não esgota — nem poderia fazê-lo — o mistério. Faltou-lhe, pelo menos no passado, o devido relevo ao Espírito Santo, que também é essencial para compreender a Eucaristia. Eis então que nos voltamos para o Oriente, para interrogar a tradição ortodoxa, com uma disposição, todavia, bem diferente da de outrora: já não preocupados com as diferenças, mas felizes pelo complemento que ela traz à nossa visão latina.

Com efeito, na tradição ortodoxa é posta no devido relevo a ação do Espírito Santo na celebração eucarística. De resto, este cotejo já produziu os seus frutos, depois do Concílio Vaticano II. Até então, no Cânon Romano da Missa, a única menção do Espírito Santo, incidentalmente, era a da doxologia final: "Por Cristo, com Cristo, em Cristo... na unidade do Espírito Santo...". Pelo contrário, agora todos os novos cânones trazem uma dupla invocação do Espírito Santo: uma sobre os dons, antes da consagração, e outra sobre a Igreja, depois da consagração.

As liturgias orientais atribuíram sempre a realização da presença real de Cristo no altar a uma operação especial do Espírito Santo. Na anáfora dita de São Tiago, em uso na Igreja antioquena, o Espírito Santo é invocado com estas palavras:

Envia sobre nós e sobre estes santos dons apresentados, o teu santíssimo Espírito, Senhor e dador de vida, que está sentado contigo, Deus e Pai, e com o teu único Filho. Ele reina consubstancial e coeterno; falou na Lei e nos profetas e no Novo Testamento; desceu, sob forma de pomba, sobre Nosso Senhor Jesus Cristo no rio Jordão e repousou sobre Ele; desceu sobre os santos apóstolos, no dia de Pentecostes, sob forma de línguas de fogo. Envia esse teu Espírito três vezes santo, Senhor, sobre nós e sobre estes santos dons apresentados, para que, pela sua vinda, santa, boa e gloriosa, santifique este pão e faça dele o santo corpo de Cristo (Amém), santifique este cálice e faça dele o sangue precioso de Cristo (Amém).

Há aqui muito mais do que um simples acréscimo da invocação do Espírito Santo. Há um olhar amplo e penetrante em toda a História da Salvação que ajuda a descobrir uma dimensão nova do mistério eucarístico. Partindo das palavras do símbolo nicenoconstantinopolitano que definem o Espírito Santo "Senhor", e "Aquele que dá a vida", "que falou pelos profetas", amplia-se a perspectiva até traçar uma verdadeira e própria "história" do Espírito Santo.

A Eucaristia leva a cumprimento esta série de intervenções prodigiosas. O Espírito Santo que na Páscoa irrompeu no sepulcro e "tocando" no corpo inanimado de Jesus, O fez reviver, repete na Eucaristia este prodígio. Ele vem no sangue e no vinho que estão mortos e dá-lhes a vida, faz deles o corpo e o sangue vivos do Redentor. Verdadeiramente — como disse o próprio Jesus, falando da Eucaristia — "é o Espírito que dá a vida" (Jo 6,63). Um grande representante da tradição eucarística oriental, Teodoro de Mopsuéstia, escreve:

Em virtude da ação litúrgica, o nosso Senhor como que ressuscita dos mortos e espalha a sua graça sobre todos nós, pela vinda do Espírito Santo... Quando o pontífice declara que este pão e este vinho são o corpo e o sangue de Cristo, afirma que se tornaram tais pelo contacto do Espírito Santo. Aconteceu assim com o corpo natural de Cristo, quando recebeu o Espírito Santo e a sua unção. Nesse momento, ao sobrevir o Espírito Santo, nós cremos que o pão e o vinho recebem uma espécie de unção de graça. E a partir daí acreditamos que eles são o corpo e o sangue de Cristo, imortais, incorruptíveis, impassíveis e imutáveis por natureza, como o próprio corpo de Cristo na ressurreição[3].

É importante, no entanto, levar em conta uma coisa – e aqui vemos como até a tradição latina tem algo a oferecer aos irmãos ortodoxos. O Espírito Santo não age separadamente de Jesus, mas dentro da palavra de Jesus. D'ele disse Jesus: "Não falará em seu nome, mas dirá o que escutou... O Espírito da Verdade manifestará a minha glória porque vai receber daquilo que é meu e vo-lo interpretará" (Jo 16,13-14). É por isso que não se deve separar as palavras de Jesus ("Isto é o meu corpo") das palavras da epiclese ("O Espírito Santo santifique estes dons para que se convertam no corpo e e sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo").

O apelo à unidade, para os católicos e os irmãos ortodoxos, vem da própria profundidade do mistério eucarístico. Mesmo que, pela natureza das coisas, a recordação da instituição e a invocação do Espírito Santo aconteçam em momentos distintos (o homem não pode exprimir o mistério num só instante), a sua ação, porém, está ligada. A eficácia vem certamente do Espírito (não do sacerdote, nem da Igreja), mas essa eficácia exerce-se dentro da palavra de Cristo e através dela. A eficácia que torna presente Jesus sobre o altar não vem – já o disse – da Igreja, mas – acrescento – não acontece sem a Igreja. Ela é o instrumento vivo, através do qual e juntamente com o qual o Espírito opera. Acontece, para a vinda de Jesus sobre o Altar, como para a vinda final na glória: "O Espírito e a Esposa (a Igreja) 'dizem' a Jesus: 'Vem!'" (Ap 22,17). E ele vem!

#### A importância da fé: a espiritualidade protestante

A tradição latina colocou em evidência "quem" está presente na Eucaristia, Cristo; a tradição ortodoxa colocou em evidência "por quem" é operada a sua presença, pelo Espírito Santo; a teologia protestante coloca em evidência "sobre quem" opera essa presença; por outras palavras, sob que condições o sacramento opera, de fato, em quem o recebe, o que significa. Estas condições são diversas, mas resumem-se numa só palavra: a fé.

Não vamos deter-nos já nas consequências negativas, derivadas, em certos períodos, do princípio protestante segundo o qual os sacramentos não são senão "sinais da fé". Ultrapassando os malentendidos e a polêmica, consideramos que este enérgico chamado à fé é salutar precisamente para salvar o sacramento e não deixá-lo cair ao nível das "boas obras", ou a algo que age um pouco mecânica e magicamente, quase sem o homem saber. Trata-se, no fundo, de descobrir o significado profundo daquela exclamação que a liturgia faz ressoar no final da consagração e, outrora, recordemo-lo, estava inserida inclusive no centro da fórmula da consagração, como que a sublinhar que a fé é parte essencial do mistério: *Mysterium fidei*, mistério da fé!

A fé não "faz", apenas "recebe" o sacramento. Só a palavra de Cristo repetida pela Igreja e tornada eficaz pelo Espírito Santo "faz" o sacramento. Mas que aproveitaria um sacramento "feito", mas não "recebido"? A propósito da Encarnação, homens como Orígenes, Santo Agostinho, São Bernardo, disseram: "Que me aproveita a mim que Cristo tenha nascido uma vez de Maria em Belém, se não nasce também, pela fé, no meu coração?". A mesma coisa se deve dizer também da Eucaristia: que me aproveita a mim que Cristo esteja realmente presente sobre o altar, se Ele não está presente para mim?

Já no tempo em que Jesus estava presente sobre a terra, a fé era precisa; caso contrário – como Ele próprio tantas vezes repetiu no Evangelho –, a sua presença não serviria para nada, senão para condenação: "Ai de ti, Corazim, ai de ti, Cafarnaum!".

A fé é necessária para que a presença de Jesus na Eucaristia seja, não só "real", mas também "pessoal", isto é, de pessoa para pessoa. Uma coisa é "estar", e outra "estar presente". A presença supõe alguém que está presente e alguém diante do qual está presente; supõe comunicação recíproca, diálogo entre duas pessoas livres, que tomam conhecimento uma da outra. Por conseguinte, é muito mais do que a simples presença num certo lugar. Esta dimensão subjetiva e existencial da presença eucarística não anula a presença objetiva que precede a fé do homem, antes a supõe e valoriza. Lutero, que exaltou tanto o papel da fé, é também um daqueles que sustentou com grande vigor a doutrina da presença real de Cristo no sacramento do altar. No decurso de um debate com outros Reformadores acerca deste tema, ele afirmou:

Não posso entender as palavras "Isto é o meu corpo", diferentemente de como soam. Toca então aos outros demonstrar que onde a palavra diz: "Isto é o meu corpo", o corpo de Deus não está lá. Não quero ouvir explicações baseadas na razão. Perante palavras tão claras, não admito perguntas; rejeito o raciocínio e a sã razão humana. Demonstrações materiais, argumentações geométricas: tudo rejeito completamente. Deus está acima de qualquer matemática e é preciso adorar com espanto a Palavra de Deus[4].

O rápido olhar que lançamos sobre a riqueza das diversas tradições cristãs foi suficiente para nos fazer entrever que dom imenso se perspectiva na Igreja, quando as várias confissões cristãs decidem colocar em comum os seus bens espirituais, como faziam os primeiros cristãos, dos quais se dizia que "colocavam em comum todas as coisas" (At 2,44). É esta a ágape maior, a dimensão de toda a Igreja, que o Senhor coloca no nosso coração para desejarmos ver, para a alegria do Pai comum e o fortalecimento da sua Igreja.

## Sentimento de presença

Chegamos ao final da nossa breve peregrinação eucarística através das várias confissões cristãs. Recolhemos também nós alguns cestos de fragmentos que sobraram da grande multiplicação dos pães da Igreja. Mas não podemos terminar aqui a nossa meditação sobre o

mistério da presença real. Seria como ter recolhido os fragmentos e não comê-los. A fé na presença real é uma grande coisa, mas não nos basta; pelo menos a fé entendida numa certa maneira. Não basta ter uma ideia exata, profunda, teologicamente perfeita da presença real de Jesus na Eucaristia. Quantos, entre os teólogos, sabem tudo sobre este mistério, mas não conhecem a presença real! Porque só "conhece", em sentido bíblico, uma coisa, quem faz a experiência dessa mesma coisa. Conhece verdadeiramente o fogo só quem, pelo menos uma vez, foi atingido por uma chama e teve de se afastar velozmente para não se queimar.

São Gregório de Nissa deixou-nos uma expressão estupenda para indicar este mais alto nível de fé; fala de "um sentimento de presença"[5] que se tem quando alguém é atingido pela presença de Deus, quando tem uma certa percepção (não só uma ideia) de que Ele está presente. Não se trata de uma percepção natural; é fruto de uma graça que opera como que uma ruptura de nível, um salto de qualidade.

Existe uma analogia muito grande com aquilo que acontecia quando, depois da Ressurreição, Jesus se deixava conhecer por alguém. Era algo de improviso que, de repente, mudava completamente o estado de uma pessoa. Poucos dias depois da Ressurreição, os apóstolos encontram-se no lago a pescar; na margem aparece um homem. Instala-se um diálogo à distância: "Filinhos, tendes alguma coisa para comer?"; respondem: "Não!". Mas eis que brilha uma luz no coração de João, e ele lança um grito: "É o Senhor!", e logo tudo muda e remam para terra (cf. Jo 21,4ss). O mesmo acontece, embora duma forma mais serena, com os discípulos de Emaús; Jesus caminhava com eles, "mas os olhos deles estavam como cegos e não o reconheceram "; finalmente, no momento de partir o pão, eis que "os olhos dos discípulos se abriram e eles reconheceram Jesus" (Lc 24,13ss). Algo de semelhante acontece no dia em que um cristão, depois de receber tantas e tantas vezes Jesus na Eucaristia, finalmente, por um dom da graça, o "reconhece".

Da fé e do "sentimento" da presença real, deve brotar espontaneamente a reverência e, até, a ternura para com Jesus sacramentado. Este é um sentimento tão delicado e pessoal, que só falando dele nos arriscamos a estragá-lo. São Francisco de Assis teve o coração cheio desses sentimentos de reverência e ternura. O *Poverello* enternece-se diante de Jesus sacramentado, como em Greccio se enternecia diante do Menino de Belém: ele o vê assim, confiado aos homens, tão inerme, tão humilde. Para ele trata-se

sempre do mesmo Jesus vivo e concreto, nunca de uma abstração teológica. Na *Carta a toda a Ordem* escreve palavras de fogo que queremos ouvir como agora dirigidas a nós, no final de nossa meditação sobre a presença real de Jesus na Eucaristia:

Vede vossa dignidade, irmãos sacerdotes, e sede santos, porque Ele é santo... Grande miséria e miserável debilidade, quando o tendes tão presente e vós buscais alguma outra coisa em todo o mundo. Pasme o homem inteiro, estremeça todo o mundo e exulte o céu quando, sobre o altar, na mão do sacerdote, está Cristo, Filho do Deus vivo; Ó admirável alteza e estupenda condescendência! Ó humildade sublime! Ó sublimidade humilde, pois o Senhor do Universo, Deus e Filho de Deus, de tal maneira se humilha que, por nossa salvação, se esconde sob uma pequena forma de pão! Vede, irmãos, a humildade de Deus e derramai diante dele os vossos corações; humilhai-vos também vós, para serdes exaltados por Ele. Por isso não retenhais nada de vós para vós mesmos, para que vos receba inteiros aquele que a vós se dá inteiro.

Tradução de fr. Ricardo Farias, ofmcap

- [1] Sto. Ambrósio, *De sacramentis*, IV, 14-16 (PL 16, 439 ss).
- [2] Cf. S. Tomás de Aquino, Summa Theologiae, III, q. 75, a. 4.
- [3] Teodoro de Mopsuéstia, Homilias catequéticas, XVI, 11ss.
- [4] Cf. Atas do colóquio de Marburgo de 1529 (ed. de Weimar, 30,3. pp. 110ss).
- [5] S. Gregório de Nissa, *Sobre o Cântico*, XI, 5, 2 (PG 44,1001) (aisthésis parousías)

# V Pregação da Quaresma 2022

"O fruto desta meditação deveria ser uma revisão corajosa da nossa vida: costumes, ocupações, horários de trabalho, distribuição e uso do tempo, para ver se ela é realmente um serviço e se, neste serviço, há amor e humildade. O ponto fundamental é saber se nós servimos os irmãos, ou se, ao contrário, nós nos servimos dos irmãos."

#### "DEI-VOS O EXEMPLO"

A nossa meditação de hoje parte de uma pergunta: por que João, na narrativa da última ceia, não fala da instituição da Eucaristia, mas em seu lugar fala, ao invés, do lava-pés? Justamente ele, que tinha dedicado um capítulo inteiro do seu Evangelho para preparar os discípulos a comer a sua carne e beber o seu sangue?

O motivo é que em tudo o que se refere à Páscoa e à Eucaristia, João mostra querer enfatizar mais o *evento* do que o *sacramento*, isto é, mais o significado do que o sinal. Para ele, a nova Páscoa não começa tanto no Cenáculo, quando se institui o *rito* que deve comemorá-la (sabe-se que a última ceia de João não é uma ceia "pascal"); começa mais sobre a cruz, quando se cumpre o *fato* que deve ser comemorado. É ali que acontece a passagem da Páscoa antiga à nova. Por isso, ele enfatiza que a Jesus na cruz "não foi quebrado nenhum osso": porque assim era prescrito para o cordeiro pascal no Êxodo (Jo 19,36; Ex 12,46).

## Ouça e compartilhe

## O significado do lava-pés

É importante compreender bem o significado que tem para João o gesto do lava-pés. A recente constituição apostólica *Praedicate Evangelium* o menciona no Preâmbulo, como o próprio ícone do serviço que deve caracterizar todo o trabalho da Cúria Romana. Ajuda-nos a entender como pode se fazer, da vida, uma Eucaristia e, assim "imitar na vida o que se celebra sobre o altar". Estamos diante de um daqueles episódios (um outro é o episódio da abertura do lado), em que o evangelista deixa entender claramente que subjaz

um mistério que vai além do fato contingente que poderia, em si mesmo, parecer negligenciável.

"Eu – diz Jesus – dei-vos o exemplo". Do que ele nos deu o exemplo? De como se deve lavar concretamente os pés aos irmãos, cada vez que nos pomos à mesa? Certamente não apenas disso! A resposta está no Evangelho: "Quem quiser ser o maior, no meio de vós, seja aquele que vos serve, e quem quiser ser o primeiro, no meio de vós, seja o servo de todos; pois o Filho de Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida em resgate por muitos" (Mc 10,43-45).

No Evangelho de Lucas, justamente no contexto da última ceia, é referida uma palavra de Jesus que parece pronunciada na conclusão do lava-pés: "Afinal, quem é o maior: o que está à mesa, ou o que está servindo? Não é aquele que está à mesa? Eu, porém, estou no meio de vós como aquele que serve" (Lc 22,27). Segundo o evangelista, Jesus disse estas palavras porque tinha surgido entre os discípulos uma discussão sobre quem dentre eles podia ser considerado o maior (cf. Lc 22,24). Talvez foi justamente esta circunstância que tenha inspirado a Jesus o gesto do lava-pés, como uma espécie de parábola em ação. Enquanto os discípulos estão todos propensos a discutir animadamente entre si, ele se levanta silenciosamente da mesa, buscou uma bacia e uma toalha, depois volta e se ajoelha diante de Pedro para lhe lavar os pés, deixando-o, compreensivelmente, na maior confusão: "Senhor, tu me lavas os pés?" (Jo 13,6).

No lava-pés, era como se Jesus quisesse resumir todo o sentido da sua vida, para que permanecesse bem impresso na memória dos discípulos e, um dia, quando pudessem entender, entendessem: "Agora não entendes o que eu faço; mais tarde o compreenderás" (Jo 13,7). Aquele gesto, posto como conclusão dos Evangelhos, diz-nos que toda a vida de Jesus, do início ao fim, foi um lava-pés, isto é, um servir aos homens. Esse, como dizem alguns exegetas, foi uma próexistência, isto é, uma existência vivida em favor dos outros.

Jesus nos deu o exemplo de uma vida consumida pelos outros, uma vida feita "pão partido pelo mundo". Com as palavras: "Também vós façais assim como eu vos fiz", Jesus institui, assim, a *diakonía*, ou seja, o serviço, elevando-o a lei fundamental, ou melhor, a estilo de vida e a modelo de todas as relações na Igreja. Como se dissesse, também a propósito do lava-pés, o que disse ao instituir a Eucaristia: "Fazei isto em memória de mim!".

Neste ponto, devo fazer uma pequena digressão antes de prosseguir o discurso. Um antigo Padre, o bem-aventurado Isaac de Nínive, dava este conselho a quem é levado, pelo dever, a falar de coisas espirituais, às quais ainda não chegou com a vida: "Falar disso — dizia — como alguém que pertence à classe dos discípulos e não com autoridade, depois de ter humilhado a tua alma e te teres feito menor do que cada um dos teus ouvintes"[1]. Eis aqui, Veneráveis padres, irmãos e irmãs, o espírito com o qual ouso falar de serviço a vós, que o viveis diariamente.

Recordo a graciosa observação que uma vez fez conosco, membros da Comissão Teológica Internacional, o então prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, o Cardeal Franjo Šeper: "Vós, teólogos – disse sorrindo –, não escreveis algo que, assim que terminado, assinais vosso nome e sobrenome. Nós, da Cúria, devemos fazer tudo anonimamente". É uma qualidade do serviço evangélico que é motivo para mim de admiração e gratidão pelos muitos servidores anônimos da Igreja que trabalham na Cúria Romana, nas Cúrias diocesanas e nas Nunciaturas.

#### O espírito do serviço

Voltemos ao tema. Devemos aprofundar o que significa "serviço", para poder realizá-lo em nossa vida e não permanecermos nas palavras. O serviço não é, em si mesmo, uma virtude; em nenhum elenco das virtudes ou dos frutos do Espírito, como os chama o Novo Testamento, encontra-se a palavra *diakonía*, serviço. Fala-se, ao contrário, até de um serviço ao pecado (cf. Rm 6,16) ou aos ídolos (cf. 1Cor 6,9), o que certamente não é um serviço bom. Por si, o serviço é uma coisa neutra: indica uma condição de vida, ou um modo de se relacionar com os demais no próprio trabalho, um estar à disposição de outros. Pode ser, até mesmo, algo negativo, se feito por coerção (escravidão), ou apenas por interesse.

Hoje todos falam de serviço; todos dizem estar a serviço: o comerciante serve os clientes; de qualquer pessoa que exerce uma ocupação na sociedade, fala-se que presta serviço, ou que está de serviço. Mas é evidente que o serviço de que fala o Evangelho é algo totalmente diverso, mesmo que não exclua, por si, nem desqualifique necessariamente o serviço como é entendido pelo mundo. A diferença está toda nas motivações na postura interior com que o serviço é feito.

Releiamos a narrativa do lava-pés, para ver com que espírito o cumpre Jesus e do que ele é movido: "Tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim" (Jo 13,1). O serviço não é uma virtude, mas brota das virtudes e, em primeiro lugar, da caridade; é, antes, a maior expressão do novo mandamento. O serviço é um modo de se manifestar do *ágape*, isto é, daquele amor que "busca o próprio interesse" (cf. 1Cor 13,5), mas o dos outros, que não é feito apenas de procura, mas também de doação. É, enfim, uma participação e uma imitação do agir de Deus que, sendo "o Bem, todo o Bem, o Sumo Bem", não pode amar e beneficiar senão gratuitamente, sem qualquer interesse próprio.

Por isso, o serviço evangélico, ao contrário daquele do mundo, não é próprio do inferior, do necessitado, de quem não possui, mas é justamente de quem possui, de quem é colocado no alto, de quem tem. A quem muito foi dado, muito lhe será pedido, em questão de serviço (cf. Lc 12,48). Por isso, Jesus diz que, na sua Igreja, é sobretudo "quem governa" que deve ser "como quem serve" (Lc 22,26) e quem é "o primeiro" que deve ser "o servo de todos" (Mc 10, 44). O lava-pés – dizia meu professor de exegese em Friburgo, Ceslas Spicq – é "o sacramento da autoridade cristã".

Ao lado da gratuidade, o serviço expressa outra grande característica do *agápe* divino: a humildade. As palavras de Jesus: "Deveis lavar os pés uns dos outros" significam: deveis prestar uns aos outros os serviços de uma humilde caridade. Caridade e humildade, juntas, formam o serviço evangélico. Certa vez, Jesus disse: "Aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração" (Mt 11,29). Mas, pensando bem, o que Jesus fez para se definir "humilde"? Talvez tivesse uma baixa autoestima, ou tenha falado de maneira modesta sobre sua pessoa? Pelo contrário, no próprio episódio do lava-pés, ele diz que é "Senhor e Mestre" (cf. Jo 13,13).

O que ele fez, então, para se definir "humilde"? Ele se abaixou, desceu para servir! Desde o momento da encarnação, ele não fez nada além de descer, descer, até aquele ponto extremo, quando o vemos de joelhos, no ato de lavar os pés aos apóstolos. Que tremor deve ter acontecido entre os anjos, ao ver em tal abaixamento o Filho de Deus, sobre o qual nem sequer ousam fixar o olhar (cf. 1Pd 1,12). O Criador está de joelhos diante da criatura! "Envergonha-te, soberba cinza: Deus se abaixa e tu te ergues!", dizia São Bernardo a si mesmo[2]. Assim entendida — isto é, como um abaixar-se para servir — a humildade é realmente a via régia para se assemelhar a Deus e para imitar a Eucaristia em nossa vida. "Vede, irmãos, a

humildade de Deus – exclama Francisco de Assis e derramai diante dele os vossos corações; humilhai-vos também vós, para serdes exaltados por Ele. Por isso não retenhais nada de vós para vós mesmos, para que vos receba inteiros aquele que a vós se dá inteiro"[3].

#### Discernimento dos espíritos

O fruto desta meditação deveria ser uma revisão corajosa da nossa vida: costumes, ocupações, horários de trabalho, distribuição e uso do tempo, para ver se ela é realmente um serviço e se, neste serviço, há amor e humildade. O ponto fundamental é saber se nós servimos os irmãos, ou se, ao contrário, nós nos servimos dos irmãos. Serve-se dos irmãos e os instrumentaliza aquele que, talvez, divide-se em quatro para os outros, como se costuma dizer, mas em tudo o que faz não é desinteressado, busca, de algum modo, a aprovação, o reconhecimento ou a satisfação de se sentir, em seu íntimo, tranquilo e benfazejo. O Evangelho apresenta, sobre este ponto, exigências de uma radicalidade extrema: "Não saiba a tua mão esquerda o que faz a direita" (Mt 6, 3). Tudo o que é feito, consciente e claramente "para ser visto pelos homens", acaba perdido. "*Christus non sibi placuit*": Cristo não procurou o que lhe agradava! (Rm 15,3): esta é a regra do serviço.

Para fazer o "discernimento dos espíritos", isto é, das intenções que nos movem em nosso serviço, é útil ver quais são os serviços que fazemos de bom grado e os que tentamos nos desviar de todas as maneiras. Ver, além disso, se o nosso coração está pronto para abandonar — quando nos for pedido — um serviço nobre, que dá brilho, por um humilde que ninguém reconhecerá. Os serviços mais seguros são aqueles que fazemos sem que ninguém, nem mesmo quem o recebe, se dê conta, mas apenas o Pai que vê no segredo. Jesus elevou a símbolo do serviço um dos gestos mais humildes que se conhecia em seu tempo e que era confiado, normalmente, aos escravos: lavar os pés. São Paulo exorta: "Não sejais pretensiosos, mas acomodai-vos às coisas humildes" (Rm 12,16).

Ao espírito de serviço, opões o desejo de domínio, o hábito de impor aos outros a própria vontade e o próprio modo de ver ou de fazer as coisas. Em síntese, o autoritarismo. Frequentemente, quem é movido por estas disposições não se dá minimamente conta dos sofrimentos que provoca e se surpreende ao ver que os outros não demonstram apreço por todo o seu "interesse" e seus esforços, e chega até a se sentir vítima. Jesus disse aos seus apóstolos que eram

como "cordeiros em meio aos lobos", mas eles são, ao contrário, lobos em meio a cordeiros. Uma grande parte dos sofrimentos que às vezes afligem uma família ou uma comunidade é devida à existência nelas de algum espírito autoritário e despótico que pisa sobre os demais e que, com o pretexto de "servir" os outros, na realidade "se serve" dos outros.

É bem provável que esse "alguém" sejamos justamente nós! Se nos vem uma pequena dúvida nesse sentido, seria bom questionarmos sinceramente quem vive ao nosso lado e lhes déssemos a possibilidade de se expressar sem medo. Se acontecer que nós também dificultamos a vida a alguém, com nosso caráter, devemos aceitar humildemente a realidade e repensar nosso serviço.

Ao espírito de serviço também se opõe, por outro lado, o apego exagerado aos próprios hábitos e confortos. Em síntese, o espírito de comodismo. Não pode servir seriamente os outros quem está sempre disposto a agradar a si mesmo, que faz um ídolo do próprio descanso, do próprio tempo livre, do próprio horário. A regra do serviço permanece sempre a mesma: Cristo não buscou agradar a si mesmo.

O serviço, como vimos, é a virtude própria de quem preside, é a coisa que Jesus deixou aos pastores da Igreja, como sua herança mais querida. Todos os carismas, vimos, estão em função do serviço; mas de maneira bem particular assim está o carisma de "pastores e mestres" (cf. Ef 4,11), isto é, o carisma da autoridade. A Igreja é "carismática" para servir e é também "hierárquica" para servir!

## O serviço do Espírito

Se, para todos os cristãos, servir significa "não viver mais para si mesmos" (cf. 2Cor 5,15), para os pastores significa: "não apascentar a si mesmos": "Ai dos pastores de Israel, que se apascentam a si mesmos! Acaso os pastores não devem apascentar as ovelhas?" (Ez 34,2). Para o mundo, nada é mais natural e justo do que isso, ou seja, que quem é senhor (dominus) "domine", isto é, aja como dominador. Entre os discípulos de Jesus, porém, "não é assim", mas quem é senhor deve servir. "Não temos a pretensão de dominar a vossa fé – escreve São Paulo –. Pelo contrário, somos colaboradores da vossa alegria" (2Cor 1,24).

O mesmo recomenda aos pastores o apóstolo Pedro: "Não como dominadores da herança a vós confiada, mas antes, como modelos do rebanho" (cf. 1Pd 5,3). Não é fácil, no ministério pastoral, evitar a mentalidade do dominador da fé; ela se inseriu muito cedo na concepção da autoridade. Em um dos mais antigos documentos sobre o ministério episcopal (a *Didascalia Siriaca*), encontramos já uma concepção que apresenta o bispo como o monarca, em cuja Igreja nada pode ser realizado, nem pelos homens nem por Deus, sem passar por ele.

Para os pastores, e enquanto pastores, é frequentemente sobre este ponto que se decide o problema da conversão. Como soam fortes e inflamadas as palavras de Jesus após o lava-pés: "Eu, o Senhor e Mestre...!". Jesus "não considerou um privilégio ser igual a Deus" (Fl 2,6), isto é, não teve mede de comprometer a sua dignidade divina, de favorecer a falta de respeito por parte dos homens, despojando-se dos seus privilégios e mostrando-se exteriormente um homem em meio aos outros homens ("semelhante aos homens"). Jesus viveu simplesmente. A simplicidade tem sempre sido o início e o sinal de um verdadeiro retorno ao Evangelho. É preciso imitar o agir de Deus. Não há nada — escrevia Tertuliano — que caracterize melhor o agir de Deus do que o contraste entre a simplicidade dos meios e dos modos exteriores com que opera e a grandiosidade dos efeitos espirituais que obtém[4]. O mundo necessita de grandes aparatos para agir e para impressionar; Deus, não.

Houve uma época em que a dignidade dos bispos se expressava em insígnias, títulos, castelos, exércitos. Eram, como se diz, bispospríncipes, mas bem mais príncipes que bispos. A Igreja vive hoje, sobre este ponto, uma época que, em comparação, parece-nos dourada. Conheci, há muitos anos, um bispo que achava natural toda semana passar algumas horas em uma casa de repouso, para ajudar os idosos a se vestirem e a comer. Tinha tomado o lava-pés ao pé da letra. Eu mesmo devo dizer que tive de alguns prelados os melhores exemplos de simplicidade da minha vida.

Contudo, é preciso conservar, também neste aspecto, uma grande liberdade evangélica. A simplicidade exige que não nos coloquemos acima dos demais, mas nem mesmo, sempre e obstinadamente, abaixo deles, para manter, de uma forma ou de outra, as distâncias, mas que aceitemos, nas coisas diárias da vida, ser como os outros. Há pessoas – observa precisamente Manzoni – que, de humildade, têm o bastante para se colocar abaixo das boas pessoas, mas não em mesmo nível[5].

Às vezes, o melhor serviço não consiste em servir, mas em deixar-se servir, como Jesus que, conforme a circunstância, também sabia estar à mesa e deixar-se lavar os pés (cf. Lc 7,38) e que, de bom grado, aceitava os serviços que lhe prestavam, durante suas viagens, algumas mulheres generosas e afeiçoadas (cf. Lc 8,2-3).

Há uma outra coisa que é preciso dizer a propósito do serviço dos pastores, e é a seguinte: o serviço aos irmãos, por mais importante e santo que seja, não é a primeira coisa e não é o essencial; antes, há o serviço a Deus. Jesus é, antes de tudo, o "Servo de Javé", e em seguida, também o servo dos homens. Aos próprios pais lembra isso, dizendo: "Não sabíeis que eu devo estar naquilo que é de meu Pai?" (Lc 2,49). Ele não hesitava em desiludir as multidões, que chegavam para escutá-lo e para deixar-se guiar, deixando-as improvisamente, para se retirar em lugares solitários para rezar (cf. Lc 5,16).

Também o serviço evangélico é hoje assaltado pelo perigo da secularização. Dá-se por certo muito facilmente que todo serviço ao homem é serviço a Deus. São Paulo fala de um serviço do Espírito (diakonía pneumatos) (2Cor 3,8), ao qual são destinados os ministros do Novo Testamento. O espírito de serviço deve se expressar, nos pastores, por meio do serviço do Espírito!

Quem, como o sacerdote, é, por vocação, chamado a tal serviço "espiritual", não serve aos irmãos se lhes presta cem ou mil outros serviços, mas negligencia aquele único de que se tem direito de esperar dele e que só ele pode dar. Está escrito que o sacerdote "é tomado do meio do povo e representa o povo nas suas relações com Deus" (Hb 5,1). Quando surgiu este problema pela primeira vez na Igreja, Pedro o resolveu dizendo: "Não está certo que abandemos a pregação da palavra de Deus, para servirmos às mesas... Nós nos dedicaremos à oração e ao serviço da Palavra" (At 6,2-4).

Há pastores que, de fato, voltaram ao serviço às mesas. Ocupam-se de todo tipo de problemas materiais, econômicos, administrativos, às vezes, até agrícolas, que existem em sua comunidade (mesmo quando poderiam muito bem deixar para que outros o fizessem), e negligenciam o seu verdadeiro, insubstituível serviço. O serviço da Palavra exige horas de leitura, estudo, oração. Se há uma reclamação geral que hoje circula entre os fiéis na Igreja é este: a inadequação, o vazio, da pregação. Muitos saem da Missa desgostosos da homilia, ressequidos, ao invés de enriquecidos. Deve-se repetir com Isaías: "Os pobres e indigentes buscam água e não há" (Is 41,17). O povo

procura um pão e lhe é dado frequentemente um escorpião, isto é, palavras vazias, moídas, palavras que não são de Deus.

Imediatamente após ter explicado aos apóstolos o significado do lava-pés, Jesus lhes disse: "Sabendo tudo isso, sereis felizes se o praticardes" (Jo 13,17). Também nós seremos felizes, se não nos contentarmos em saber essas coisas — isto é, que a Eucaristia nos impulsiona ao serviço e à partilha —, mas se as pusermos em prática, possivelmente começando hoje mesmo. A Eucaristia não é apenas um mistério para se consagrar, receber e adorar, mas também um mistério para imitar.

Antes de concluir, porém, devemos recordar uma verdade que enfatizamos em todas as nossas reflexões sobre a Eucaristia: a ação do Espírito Santo! Cuidemos para não reduzir o dom ao dever! Não recebemos apenas a ordem de lavar os pés e servir a nós mesmos: recebemos a graça de poder fazê-lo. O serviço é um carisma e, como todos os carismas, é "uma manifestação particular do Espírito para o bem comum" (1 Cor 12, 7); "Cada um vive segundo o dom (carisma!) recebido, colocando-o ao serviço dos outros", diz o apóstolo Pedro na sua Primeira Carta (1 Pd 4,10). O dom precede o dever e torna possível o seu cumprimento. Esta é "a boa notícia" - o Evangelho - de que a Eucaristia é a consoladora memória quotidiana.

- [1] Cf. Santo Isaac de Nínive, *Discorsi ascetici*, 4, Città Nuova, Roma 1984, p. 89.
- [2] Cf. São Bernardo, Louvor da Virgem Mãe, I,8.
- [3] São Francisco de Assis, Carta a toda a Ordem, 28.
- [4] Cf. Tertuliano, De baptismo, 1 (CCL I, p. 277).
- [5] Cf. A. Manzoni, I Promessi Sposi, cap. 38.